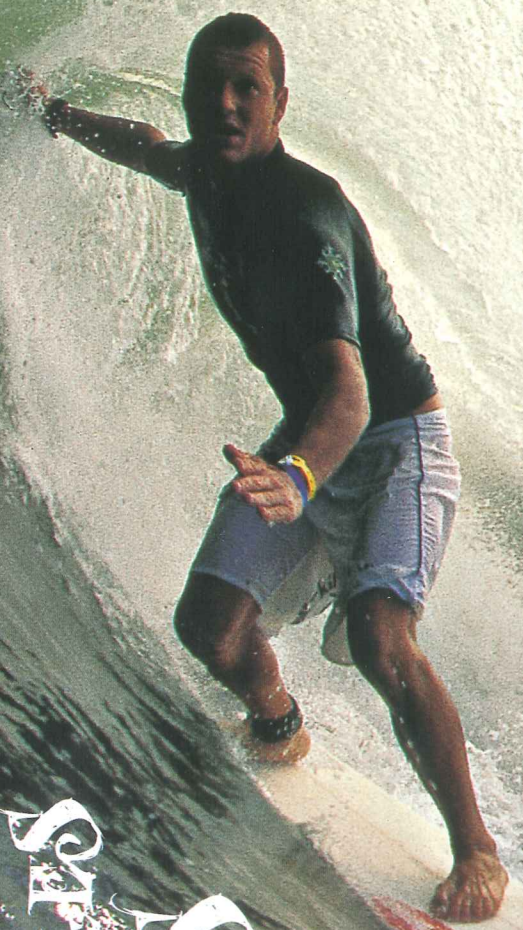


RODRIGO DORNELLES

RODRIGO DORNELLES



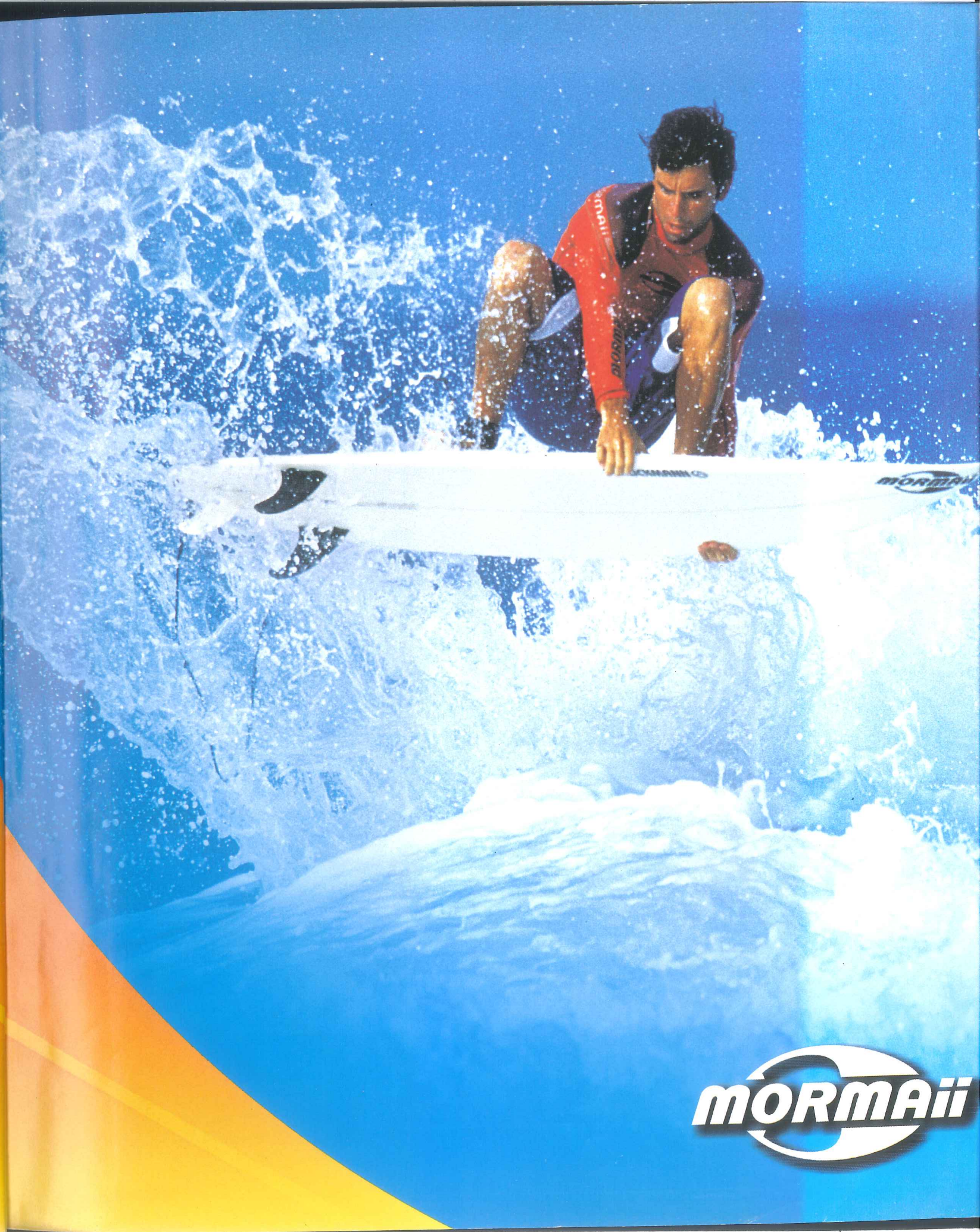
RODRIGO DORNELLES
MARELLAS

© Sebastian Rojas

DORNELLES



**Parabéns
Renato
Galvão**
**Campeão
Brasileiro
de Surf Profissional
2004**



MORMAii



11 6121 6767

Originees Araújo

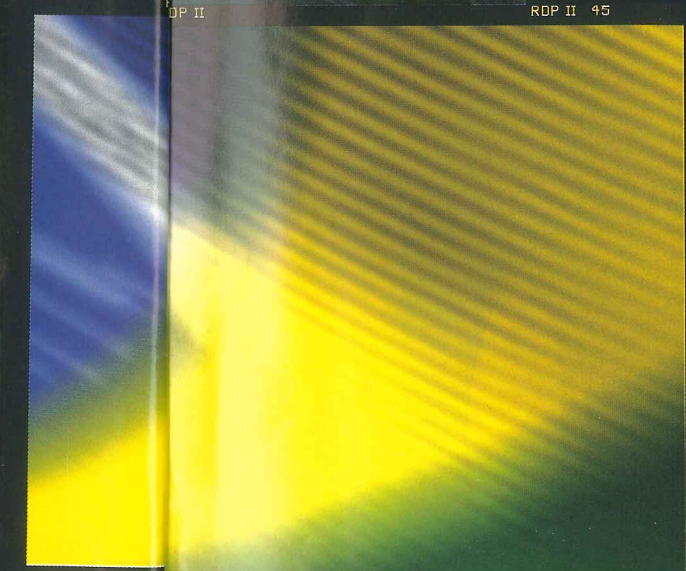
...deitado eternamente em berço esplêndido...

Entre as margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria nesse instante. Se o berço esplêndido, conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte! Ó pátria amada, salve! Salve! Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, de amor e de esperança à terra desce, se em teu formoso céu, risonho e límpido, a imagem do céu resplandece. Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grandeza. Terra adorada, entre outras mil, Brasil, ó pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!

Peitado eterno, em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo, fulguras, ó Brasil, florão da América, iluminado ao sol do novo mundo! Do que a terra garrida, teus risonhos, lindos campos têm mais flores; "nossos bosques têm mais vida", "nossa vida" no teu seio "mais amores". Ó pátria amada, nada, salve! Salve!

Brasil, de amor não seja símbolo, o lábaro que ostentas estrelado, e diga o verde-louro dessa flâmula, paz no futuro e glória no passado. Mas, se ergues, istica a chaga forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte. Terra adorada. Entre outras mil, és tu, Brasil, ó pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!

Indústria Brasileira. Levante esta bandeira.



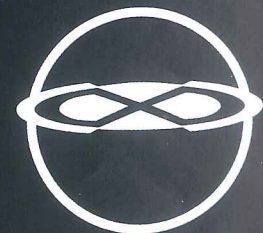
> 10

RDP II > 11

RDP II

RDP II 45

south to south



www.southtosouth.com.br

surf brasileiro é o nosso negócio

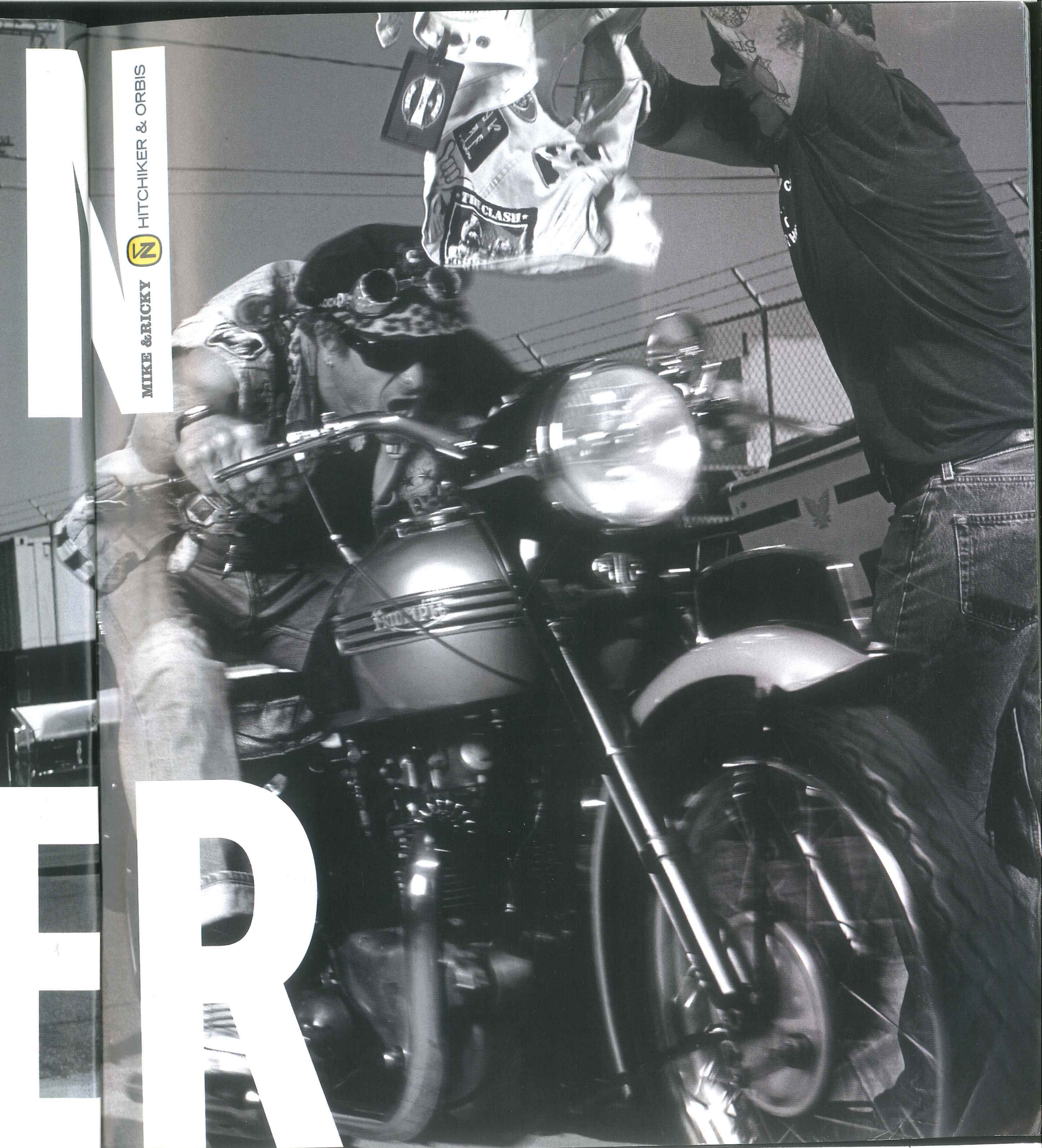
>>aliensdesign

WOMEN ZIPPER

MIKE & RICKY HITCHIKER & ORBIS



LLY AUTOMATIC 2 PERCENTERS VONZIPPER.COM





Jorge Pacelli Mandi Brazilian Nuts Team

Sh Iguatemi

Sh Higienópolis

Daslu

Sh Crystal / Curitiba

Showroom (011) 3031.6983

www.mandi.net



Cavalera
Jeans Douro



São Paulo: Al. Lorena - Shop. Ibirapuera. Em breve: Shop. Higienópolis - Shop. Villa Lobos - Shop Morumbi.



Rio de Janeiro: Shop. Rio Sul. Em breve: Belo Horizonte: Shop. Daimond Mall. Em breve: Goiânia - Shop. Flamboyant.





Uma profissão em que você
passa o dia com os pés
sobre a mesa de trabalho.

Petrobras leva o surfe a sério. Por isso, investe no esporte realizando o Circuito Petrobras de Surfe Feminino, o Petrobras Longboard Classic e a Seletiva Petrobras de Surfe. E não é para menos. Afinal, nós temos os mesmos valores dos surfistas: respeito ao meio ambiente, amor pelo surfe e vontade de superar desafios.

O MELHOR DO BRASIL
É O BRASILEIRO

BR PETROBRAS
O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de Minas e Energia
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

EDITORIAL



Foto Bruno Lemos

Surf, arte, verão...

Melhore o mundo. Neste verão, ensine alguém a surfar.

Para nós, surfistas, o verão é a temporada dos paradoxos. De um lado, praia cheia, estradas lotadas e muitas gente estranha, enfim, crowd nos nossos picos. De outro, porém, é no verão que abrimos a nossa alma ao mar... longos flats e água quente amolecem nossas barreiras e viramos peixes homens.

Lembra? Você começou a surfar no verão, todos nós começamos... É tempo de novos surfistas, novos namoros e novas descobertas. Estamos trazendo para vocês o calendário 2005, totalmente arte surf, porque é assim que queremos e buscamos tratar o surf, como expressão de vida.

Nossas matérias principais são Bahia e o surf de peito; nada mais summertime do que isso. Para os casais, uma superboa notícia, um lugar paradisíaco para surfar e namorar, Maldivas... Aficionados por pranchas: leiam e pirem com a fábrica de pranchas de madeira que achamos em Haleiwa, Hawaii.

Não deixe de pensar na vida nesta entrada de ano novo. Tenha consciência do que você quer, pois só assim querer é poder. Nós podemos tudo o que queremos, de verdade. Querer de verdade é poder!

Meditar, amar e surfar melhoram a consciência. Brinque muito no verão, ensine as pessoas que você ama a surfar, pais, filhos, amigos, namoradas...

Melhore o mundo, ensine alguém a surfar!

Aloha,
Romeu

COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho

ALMA SURF

Publisher/Editor
Romeu Andreatta Filho

Projeto gráfico
Mike Salisbury

Diretor de arte
Fernando Siniscalchi

Editora assistente
Viviane Palladino

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto
Alberto Woodward, Bruno Alves, Bruno Lemos,
Marcela Carrocino, Neco Padaratz, Rico de Souza,
Sylvio Mancusi, Taiu Bueno, Yordan Bosco

Fotos
Bruno Alves, Bruno Lemos, Eduardo Moody,
Sean Davey

Publicidade
Patrícia Barros
pattbarros@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de
Publicações

Pré-impressão e fotolito
ArtSim Projetos Gráficos

Impressão
SuperGráfica

Jornalista responsável
Alberto J. R. Woodward
MTB 18221

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

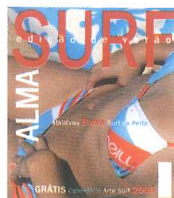
Alma Cultural
Flavio Morbio
flavio@almasurf.com.br

Correspondência
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi – São Paulo – SP – 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744-1668
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 20.000 exemplares



Capa: Bruno Lemos



foto: Tipoll!



ÍNDICE



PIRATA**28**

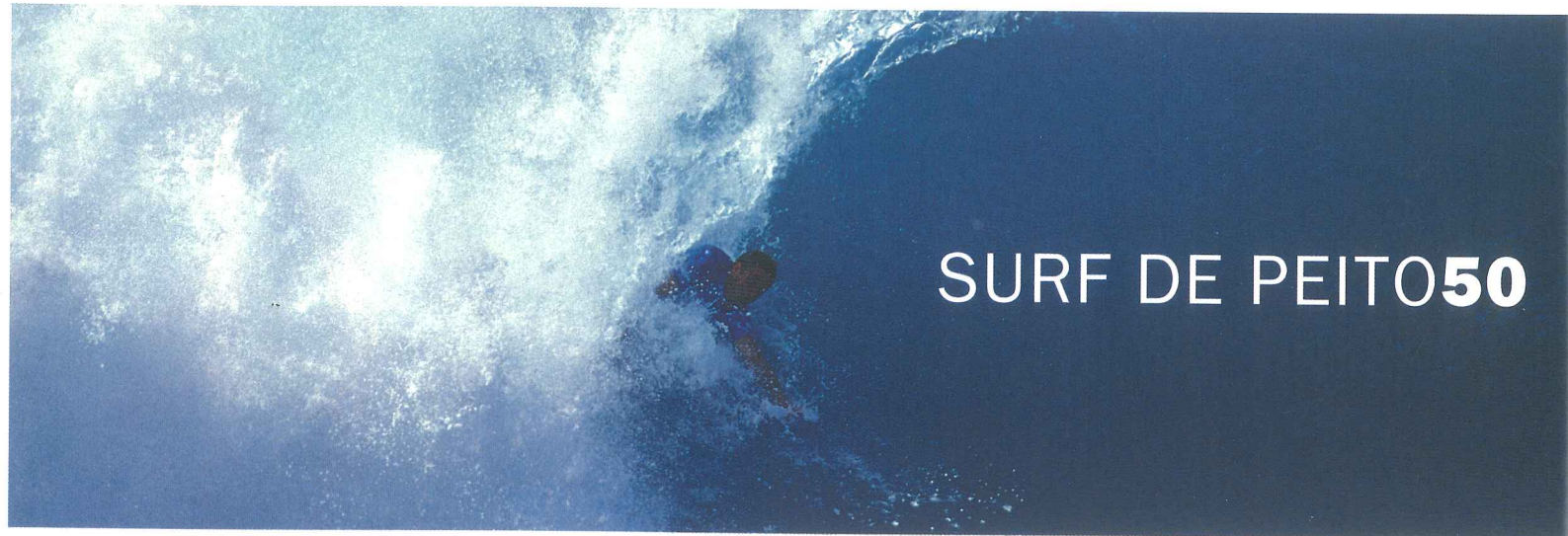
COM APENAS UMA PERNA, ELE PRATICAMENTE CRIOU UM NOVO ESTILO DE SURF

ALMA SURF **25**



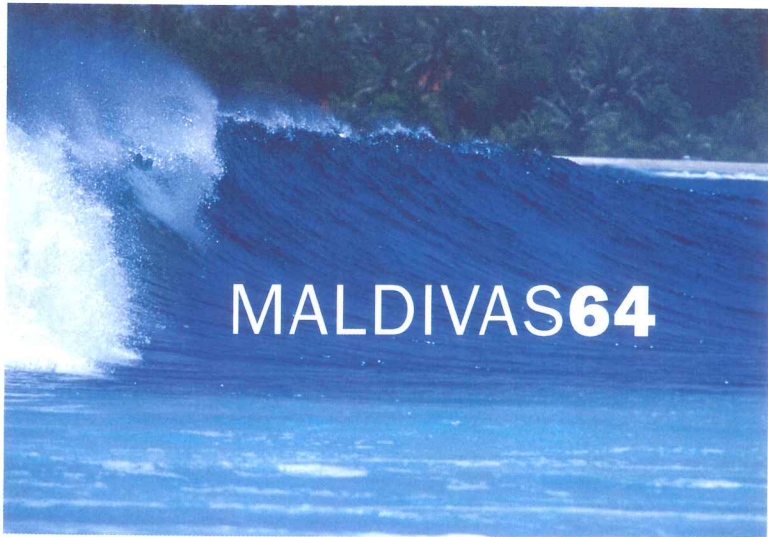
BAHIA**38**

A MAGIA DA PRAIA DO FORTE. MUITAS ONDAS DURANTE O DIA E CURTIÇÃO À NOITE



SURF DE PEITO**50**

PARA MELHORAR A PERFORMANCE FÍSICA E SENTIR O MOVIMENTO DAS ONDAS COM O CORPO, CADA VEZ MAIS SURFISTAS ESTÃO PRATICANDO O SURF DE PEITO



MALDIVAS**64**

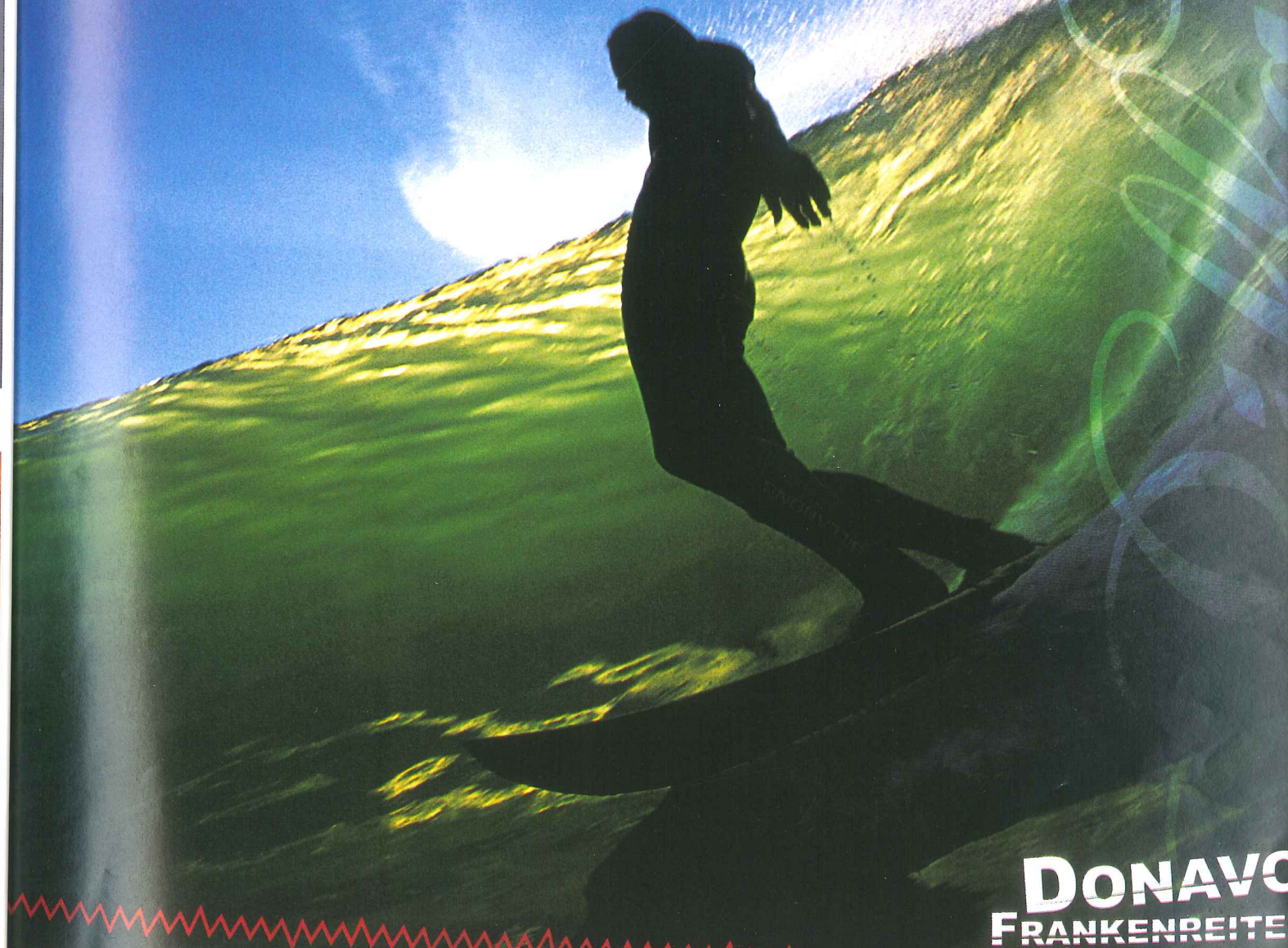
O MELHOR DESTINO PARA O SURF APAIXONADO



PRANCHAS DE MADEIRA**84**

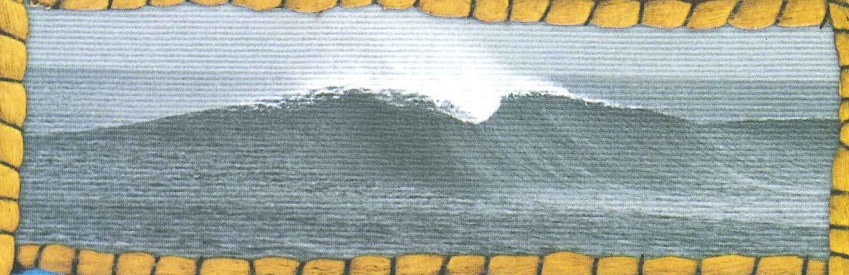
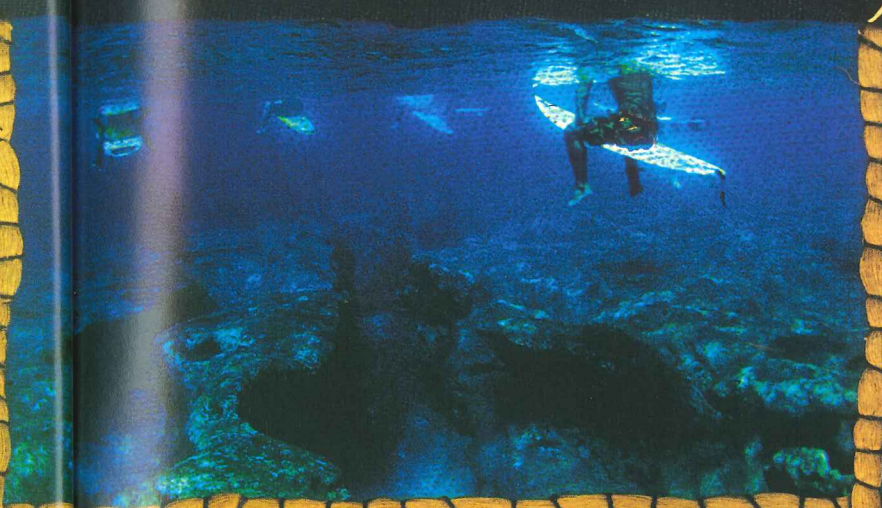
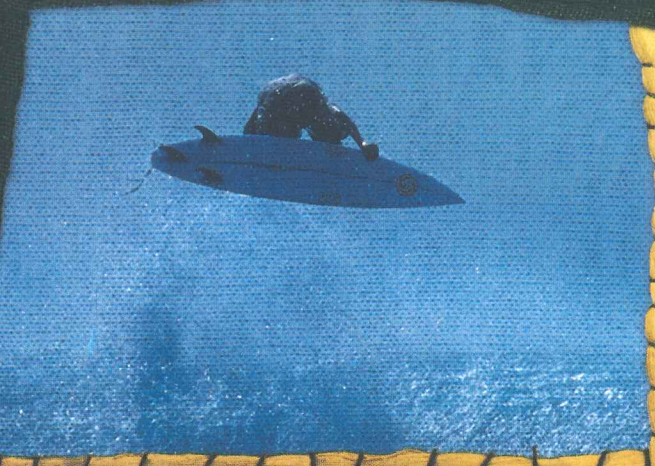
ELAS ESTÃO DEIXANDO DE SER OBJETO DE DECORAÇÃO, PARA VOLTAR AO SEU LUGAR DE ORIGEM, O MAR

 **Billabong.**



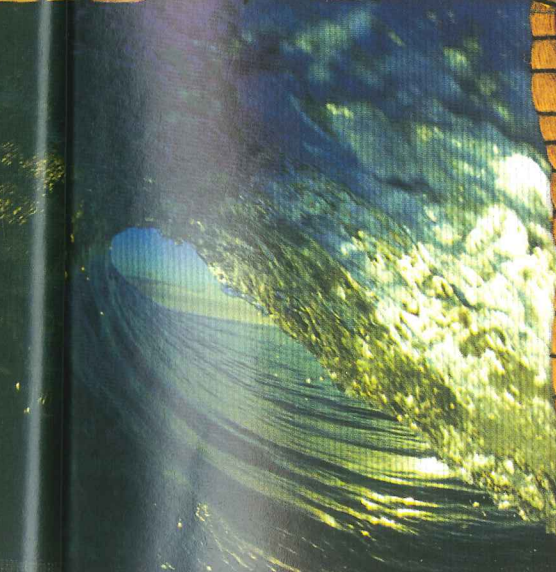
DONAVO
FRANKENREITER

billabong.com




WG

11 6096 2230 www.wgsurf.com.br



SURF SUOR Por NECO PADARATZ

SOMOS BRASILEIROS E NÃO DESISTIMOS NUNCA

Ultimamente, tem sido difícil expor na mídia a imagem de nós, atletas do surf, porque há muita falta de informação a nosso respeito. Por algum motivo, as pessoas escondem a verdadeira identidade de um atleta profissional, e sentimos falta de um melhor reconhecimento do nosso trabalho, como deveria ser (e é) em qualquer outro esporte.

O surf é cada vez mais visado por vários segmentos, não só no Brasil, mas no mundo. Porém, a sociedade brasileira nos pressiona com a pergunta: "Por que não temos um campeão mundial?". Isso depende do ponto de vista, como pensamos e enxergamos a questão. Agora, temos sete títulos mundiais pelo WQS, que é um circuito de cerca de 40 etapas por ano, com 300 atletas por etapa, e que roda mais de 10 países. E a cada ano temos um número maior de eventos.

Porém, para viajar, precisamos de recursos financeiros que nos dêem condições para trabalhar no tão esperado título. Bem, esse é um ponto crítico. Acredito que temos que achar uma forma de quebrar o poder de administração no surf, pois não podemos continuar presos num sistema. Hoje, é grande a carência de investimentos em contratos milionários por parte das grandes empresas (e há muitas delas). Se isso acontecesse, aí sim vocês veriam em quanto tempo teríamos um "campeão mundial" – já que os sete títulos do WQS não são levados em consideração por muitos.

Precisamos que os profissionais amadureçam para que as crianças de hoje possam sonhar e tornar-se grandes profissionais no futuro, assim como eu desejei quando criança. O que faz um atleta ser ídolo não é ele ser um super-herói, mas sim fazer com que as pessoas saibam de suas realizações. Vi Senna, que me inspirou a ser um campeão mundial. Vi João do Pulo, o futebol pentacampeão, Daiane dos Santos com a medalha de ouro, a simplicidade do Ronaldinho jogando no Cruzeiro, e continuo vendo tantos outros campeões neste país. Aliás, não podemos nos queixar da falta de campees mundiais.

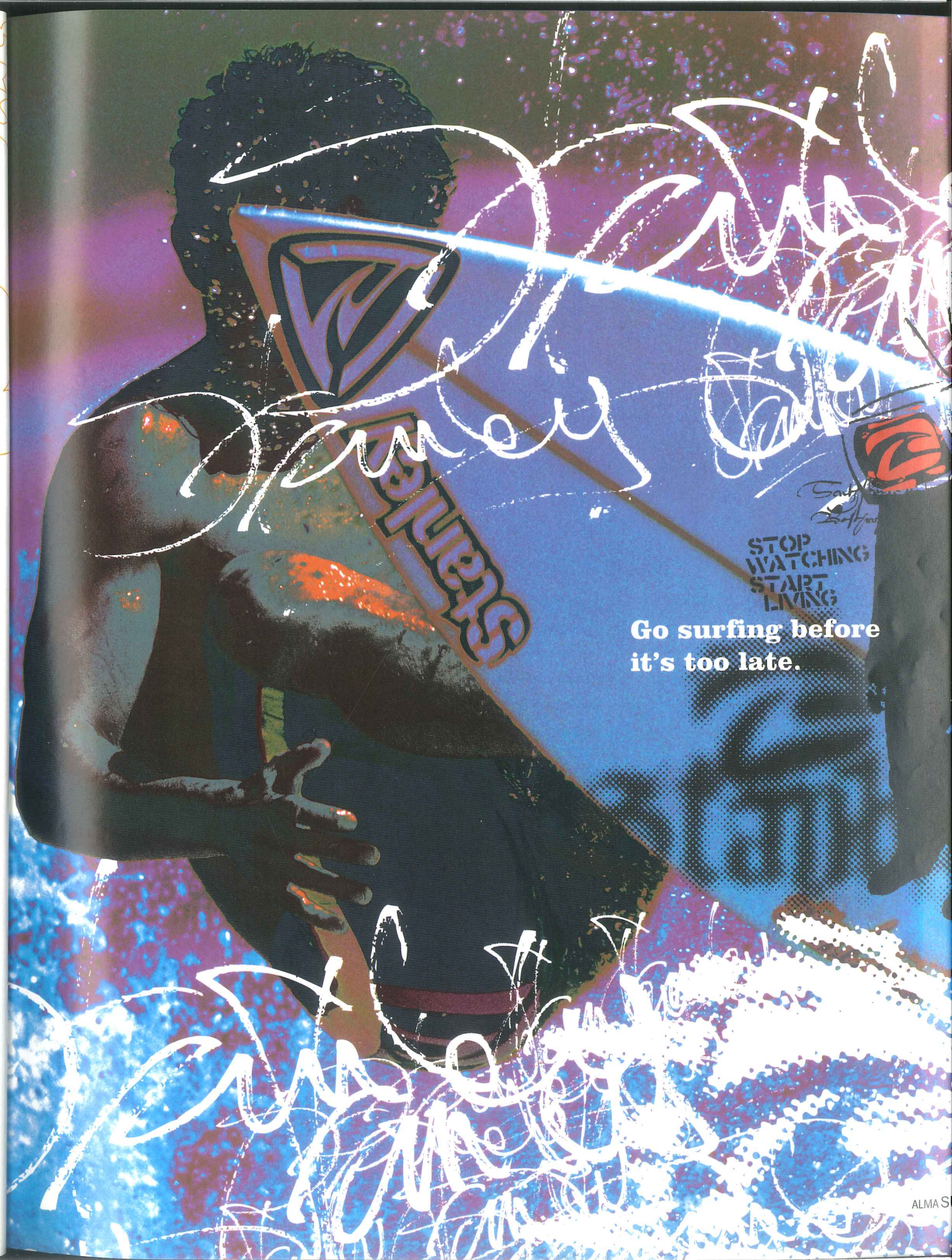
Lutei como um guerreiro pelo 7º título mundial do WQS no surf, para ajudar a incentivar grandes empresas, veículos de comunicação e pessoas deste imenso país a olharem melhor para os futuros campeões que atualmente iniciam a carreira no Brasil – que, mais que um país, é uma fábrica de campeões.

Está na hora dos dirigentes do surf darem mais valor aos surfistas, que fazem do esporte a possibilidade e a oportunidade de alguns desfrutarem cada vez melhor da vida. Podemos crescer todos juntos, mas é necessário tempo e dedicação da parte de todos.

Sempre serei grato a essa oportunidade de apenas expressar a realidade de atletas, meus amigos, que precisam sobreviver a cada campeonato e não podem planejar seu futuro pela dificuldade de viver uma vida normal no presente. Diariamente, nos ajudamos uns aos outros para que esta, que é a terceira potência do surf mundial (à frente do Hawaii), continue crescendo, de uma maneira ou de outra.

Obrigado por este momento tão importante para mim e para todo atleta que luta como um guerreiro. Como diz uma propaganda que vi na televisão estes dias:

SOMOS BRASILEIROS E NÃO DESISTIMOS NUNCA (em busca do título mundial do WCT).



Go surfing before
it's too late.

HISTÓRIAS DO MAR

Por **RICO DE SOUZA**

O PRIMEIRO PIPELINE BANZAI A GENTE NUNCA ESQUECE

No inverno de 1976 eu estava no Hawaii e comecei a surfar em Pipeline, que nessa época já era crowd, mas não tanto como hoje. Porém, um dia em especial entrou para a minha história. Um daqueles dias maravilhosos dos anos 70. Naquela época, não existiam previsões, bóias e outros equipamentos atuais que nos permitem monitorar o mar com tanta precisão.

Eu estava com os amigos Xuxa, Otávio Pacheco, Paulo "Ratão" Proença, entre outros, num momento realmente espetacular, com sol, altos tubos e ondas lindas! Na água, estavam arrepiando os melhores do mundo da época, como Rory Russel e Gerry Lopez. Lembro-me bem que Shaun Thomson ainda mostrava ao mundo como surfar de back side em Pipe — tanto que, no ano seguinte, foi campeão mundial —, e Simon Anderson e Rabbit Bartolomeu também faziam a mala no Hawaii nessa época.

Nesse dia, as séries começaram a explodir na bancada de Pipe com 6 a 8 pés, passando para 10 e 12 e, no auge, bombando 15 pés havaianos — o que, na minha opinião, exige muito respeito. Eu sempre ouvia falar de Pipe quebrando daquele tamanho, mas nunca tinha surfado. Fiquei na areia me concentrando por alguns minutos. Então, joguei a minha Owl Chapman gun 8' 4" na água e fui, quer dizer, tentei ir para o último reef, conhecido como Banzai. Tentei varar a arrebentação duas vezes e não consegui. Quando o mar está desse tamanho, o canal praticamente desaparece.

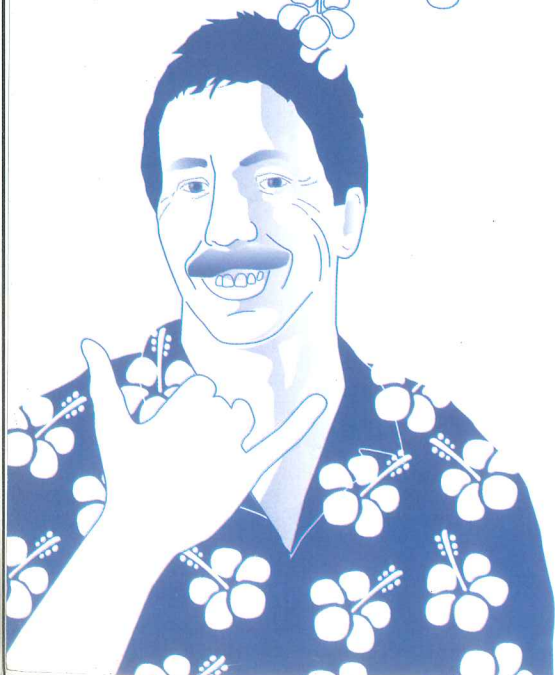
De tanto insistir, finalmente consegui entrar, e percebi que só havia mais dois caras no outside; um deles era Eddie Aikau, que na época nem era tão conhecido como hoje, e o outro, um havaiano cujo nome não me recordo. Quando sentei na prancha e olhei para o horizonte, avistei aquelas linhas enormes vindo em minha direção. Remei pra fora com toda a força e passei por duas ondas no limite. A primeira o Eddie dropou, na segunda o outro cara foi, e a terceira sobrou pra mim. Pensei: não posso amarelar! Remei, remei... e percebi que a onda era muito grande; o terral ficou me freando, e quando consegui entrar, já não estava pensando em completar a onda e sim em chegar até a base.

A onda parecia que estava toda aberta, mas como eu perdi o time do drop ela já se formou de uma maneira diferente para mim. Desci numa velocidade incrível e acabei não conseguindo virar. A partir daí, eu já tentava me equilibrar para não tomar uma vaca. Fui praticamente "explodido" por aquela massa d'água, e vim me embolando com a espuma desde o outside até a beira, tomando um caldão. Apesar da força da energia da onda, como eu estava morando no Hawaii há quatro meses, meu preparo físico estava excelente, e não senti muito. Quando saí no quebra-coco, vi que estava em frente ao Ehukai Park, na correnteza que leva para Rocky Point. Novamente, acabei me enrolando todo no inside, mas depois consegui sair.

Esse dia foi histórico pra mim, pois vários surfistas respeitados presenciaram a minha atitude. Rabbit me disse nunca ter presenciado um drop tão vertical como aquele em Pipeline. No dia seguinte, o mar ficou over control, e me lembro de ver Gerry Lopez e Rory Russel na areia, não porque estivessem amarelando, mas porque o mar estava bastante ruim mesmo, ou melhor, estava survivor! E eu caí de novo, mais pela experiência de conseguir superar os meus limites. Peguei duas ondas que fecharam com aquela pressão que só Pipe tem, mas saí da água com a sensação de missão cumprida!

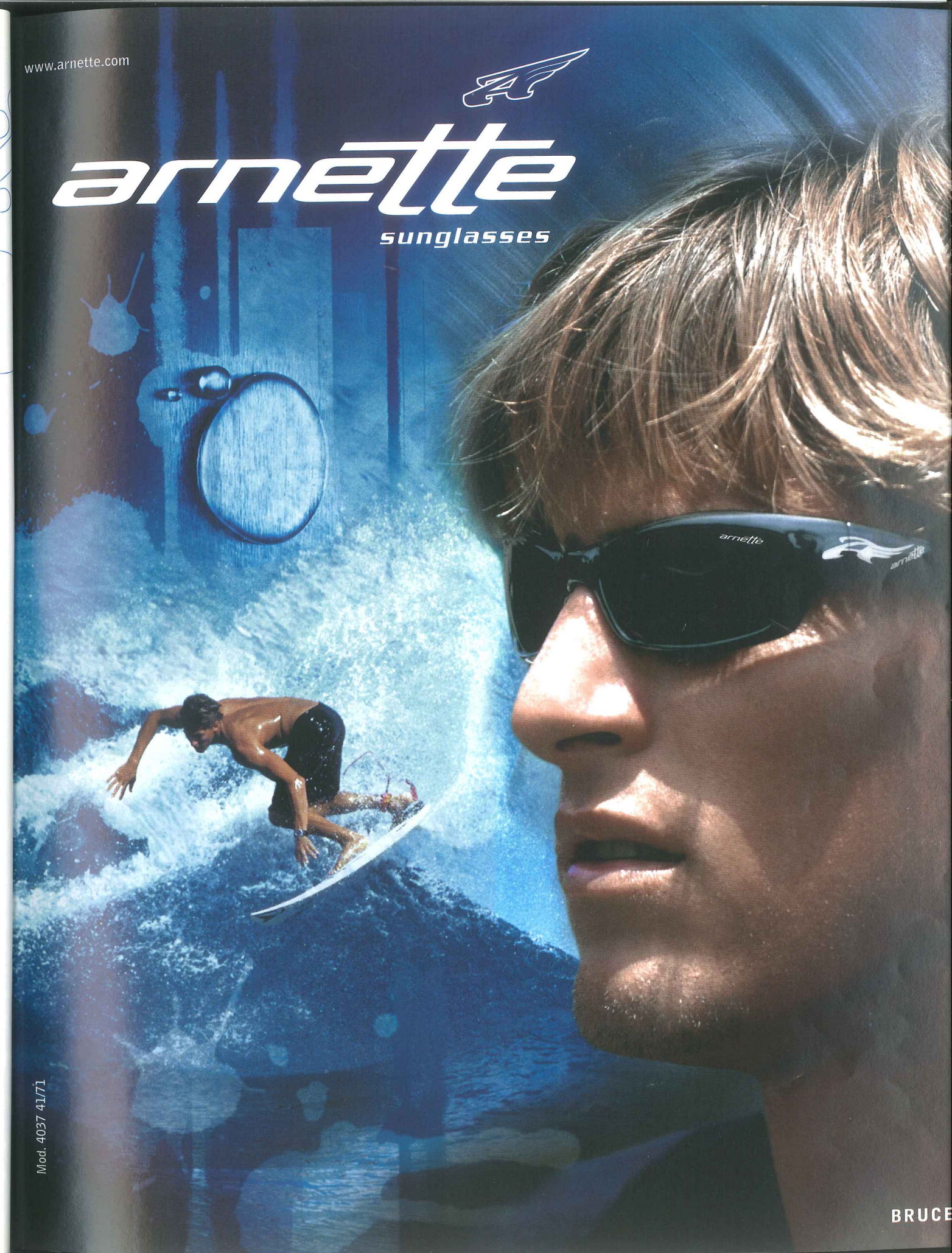
Cair em um mar desses em Pipeline parece bastante fácil de fora da água, principalmente no Hawaii, com aquele sol maravilhoso, a água clara e o cenário paradisíaco. Mas dentro d'água a coisa é bem diferente. O primeiro Banzai a gente nunca esquece.

Hoje em dia, vejo a nova geração surfando com bastante intimidade as ondas havaianas e, sem falsa modéstia, sei que abri caminho para eles, juntamente com caras como Bocão, Otávio Pacheco, Paulo Proença, Renan Pitanguy, Daniel Friedman e outros que ajudaram a traçar a história dos brasucas no North Shore.



www.arnette.com


arnette
sunglasses



Mod. 4037 41/71

BRUCE

ALMA FEMININA Por MARCELA CARROCINO

EXPRESSÕES DE UMA CULTURA

No longboard feminino, a sensualidade e a harmonia com a natureza são características marcantes. A caminhada sobre a prancha torna-se um autêntico balé, ou melhor, uma hula, nome que se refere a movimentos e gestos de uma dança típica havaiana.

Assim como o longboard, a hula está associada à raiz da cultura havaiana. Ambos são expressões da alma havaiana em movimento. Transcendem tempo e espaço, e demonstram claramente a natureza do aloha spirit como forma de contactar, lembrar e honrar os ancestrais havaianos, e também uns aos outros.

A hula e o surf, especialmente o longboard, são quase sinônimos de Hawaii, por serem representações genuínas de suas bases culturais. Em qualquer lugar do mundo são reconhecidamente associados ao Hawaii, e no caso da hula isso se deu, principalmente, à magia que envolveu Hollywood, seu principal difusor e, portanto, responsável pela imagem que normalmente nos vem à cabeça quando pensamos em hula: a típica dança acompanhada pelo som aconchegante dos instrumentos. Isso é lindo, isso é hula, mas isso é apenas uma pequena parte da hula.

A hula é mais do que uma dança, é uma expressão de história, religião e do espírito humano. Cada movimento tem um significado específico, cada expressão das mãos dos dançarinos tem uma importância. Um movimento do corpo de um dançarino pode representar certas plantas, animais e até mesmo guerra. Os cantos acompanham esses movimentos e contam a história da dança. Tradicionalmente, as palavras são ainda mais importantes que as mãos. Atualmente, porém, como poucos entendem a língua havaiana, a ênfase maior é sobre os movimentos.

Conhecer a hula é como ler um livro sobre o Hawaii. O significado especial de seus cantos e movimentos traz à vida a história, as tradições e a genealogia do povo havaiano. É um ponto focal da cultura havaiana, refletindo vários eventos de sua história e personificando completamente a essência do comprometimento, dedicação e amizade desse povo.

Sem uma linguagem escrita, os havaianos usavam a hula e seus acompanhamentos como se fossem livros falados, e também como forma de comunicação. Assim, a hula é a própria literatura do povo havaiano, pois serviu e ainda serve aos mesmos propósitos de outras literaturas, sejam sagradas ou profanas. Existe uma hula ancestral que fala da criação do mundo e de suas criaturas. Há também a hula que conta histórias, falando sobre heróis, chefes e líderes, homens ou mulheres.

Durante o século XIX, a hula, o surf e grande parte da cultura havaiana quase foram banidos pelos missionários americanos. Mas graças ao rei David Kalakaua, o último monarca havaiano, que encorajou os dançarinos a conhecer a antiga hula em seu reinado, ela foi salva.

Existe um canto da ilha de Kauai que todo halau, ou grupo de hula, executa. É um dos mais antigos cantos, e compara as mulheres às montanhas. Ele diz que, quando as mulheres amam, elas permitem que você se aproxime, caso contrário, elas irão expulsá-lo, ou mantê-lo afastado. A montanha é também assim. Ela se expõe quando quer que você se aproxime, e quando não deseja a sua presença, se envolve em neblina. Há ainda algumas citações especiais nesse canto que dizem que o que for feito deve ser feito com boas intenções, e o que for dito deve ser dito verdadeiramente. Essas são as linhas mais importantes dos princípios da hula e da própria cultura desse povo que fala a língua da natureza, pois respira seus sábios ensinamentos.

Nós, que surfamos com alma, não somos somente praticantes de surf, porque também vivemos a sua essência. Compreendemos e nos identificamos com as mensagens das hulas. Carregamos conosco todo o legado de uma cultura e sua mensagem positiva de espiritualidade, de harmonia e de respeito pelo ambiente do qual integralmente dependemos para viver.

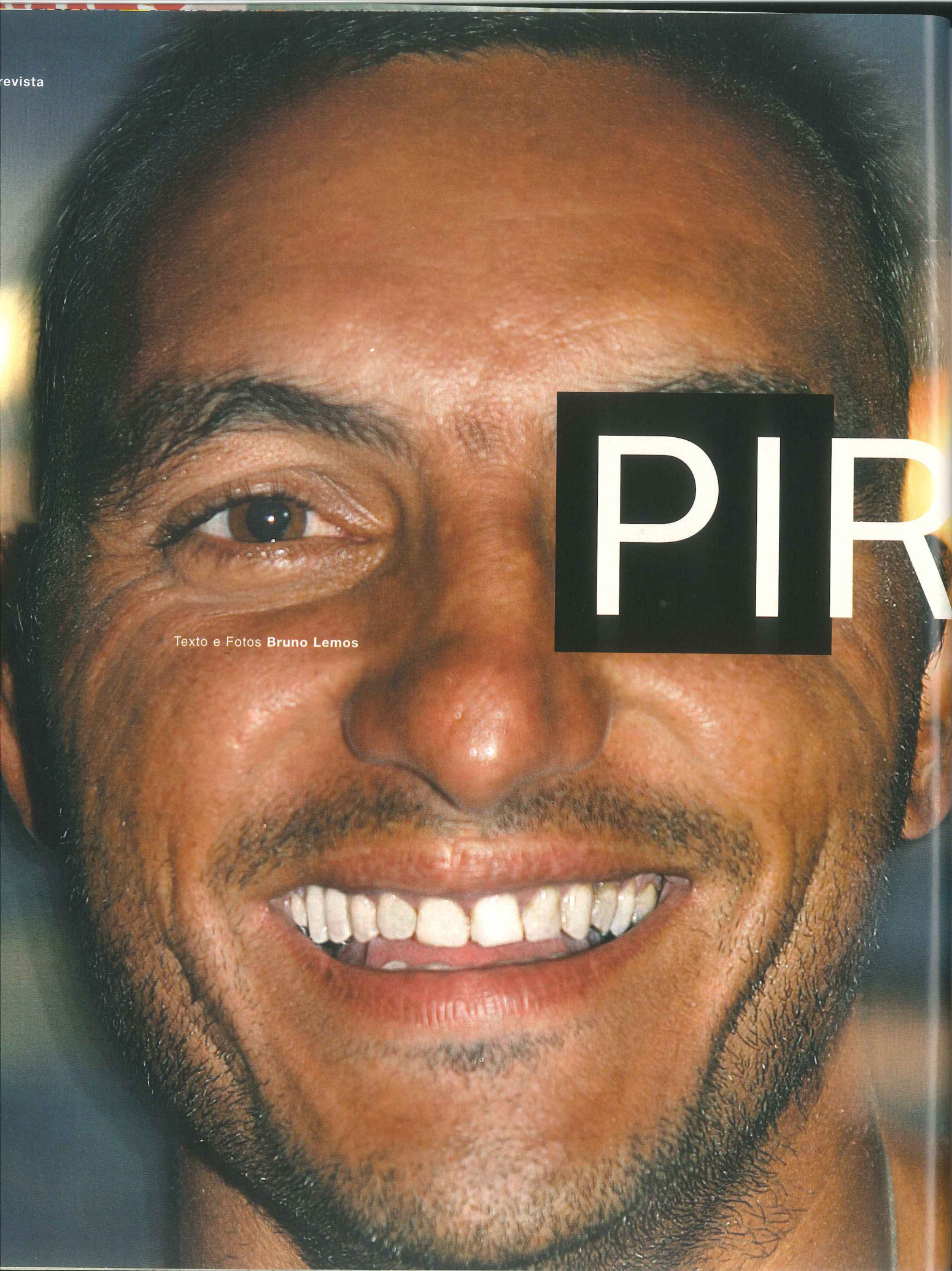
Aloha a hui hou!
marcela@almasurf.com.br





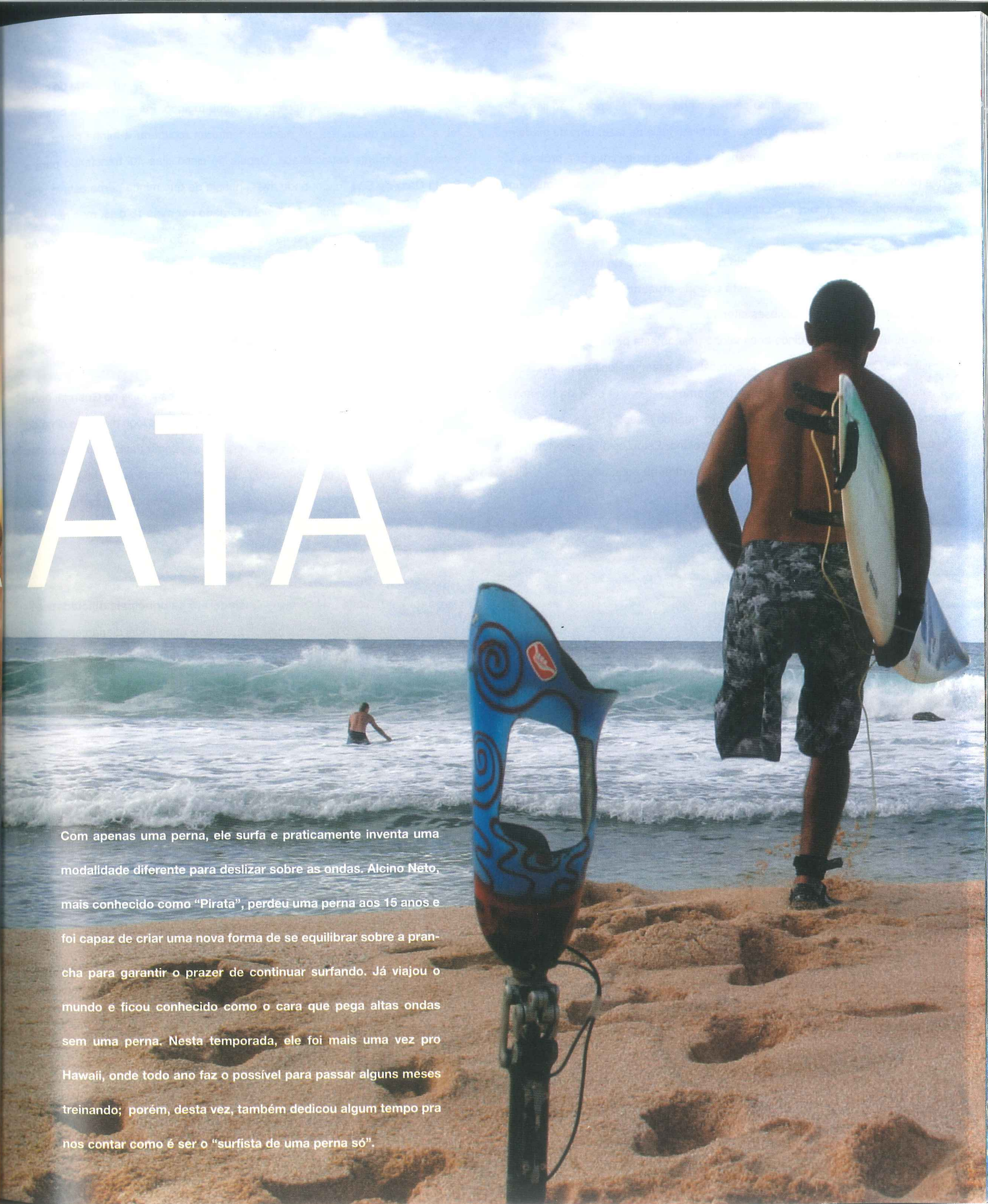
hotgirls

www.hotgirls.com.br



Texto e Fotos Bruno Lemos

PIRATA



Com apenas uma perna, ele surfa e praticamente inventa uma modalidade diferente para deslizar sobre as ondas. Alcino Neto, mais conhecido como "Pirata", perdeu uma perna aos 15 anos e foi capaz de criar uma nova forma de se equilibrar sobre a prancha para garantir o prazer de continuar surfando. Já viajou o mundo e ficou conhecido como o cara que pega altas ondas sem uma perna. Nesta temporada, ele foi mais uma vez pro Hawaii, onde todo ano faz o possível para passar alguns meses treinando; porém, desta vez, também dedicou algum tempo pra nos contar como é ser o "surfista de uma perna só".

ALMA SURF De onde veio o apelido "Pirata"?

PIRATA Bem isso foi logo quando perdi a minha perna. Na época não tinha dinheiro pra comprar a primeira prótese, e aí tive a idéia de fazer uma de madeira com a ajuda de alguns amigos marceneiros. Quando tentei colocar a prótese, vi que não teria nenhuma condição de usá-la porque era muito pesada. Então, um deles lançou uma brincadeira: "Olha, não parece o pirata da perna de pau?".

Quantas pernas você já teve depois dessa sua perna de madeira e como foi que conseguiu a prótese que está usando atualmente?

Tive aproximadamente 15 próteses diferentes, algumas de madeira com fibra e outras de titânio. Mas há cinco anos venho usando esta prótese que é feita no Brasil, pela Ortopedia Conforpés, de Sorocaba; ela tem um joelho pneumático e é feita de fibra de carbono superleve (em torno de 2 kg). O pé é de borracha flexível, o que facilita muito o movimento quando ando, porque ameniza o impacto com o chão, aliviando bastante a coluna. Estou colaborando também com o desenvolvimento de uma prótese para entrar na água do mar.

Como foi que você perdeu a perna e o que passou na sua cabeça no momento?

Eu estava em Minas Gerais, de férias na casa dos meus avós. No dia 31 de dezembro, peguei a Mobilete do meu tio para dar uma volta no centro da cidade antes de comemorar o Ano-Novo. Quando estava contornando a praça, me deparei com um carro vindo na contramão, em alta velocidade. Depois da bati-

da, fui socorrido pelas pessoas que estavam por perto, mas o motorista do carro estava completamente embriagado e acabou fugindo. Fui levado para o hospital, e, na sala de cirurgia, os médicos tentaram recuperar a minha perna, que estava literalmente esfaqueada. Depois de cinco dias, fui transferido para a Santa Casa de São Paulo, onde tive a notícia de que minha perna estava condenada com uma gangrena. Lá fiquei internado por mais 15 dias, mas não teve jeito... tivemos que cortar a perna fora. O maior vilão desta história foi a dor. Ao sofrer o acidente e perceber que estava com a perna totalmente ferida, tive que decidir entre a minha vida e a minha perna. Tive uma longa conversa com os médicos, mas foi uma decisão minha, e muito difícil de ser tomada na hora.

Como era a sua vida antes do acidente?

A minha vida sempre foi tranquila. Morava com a minha família no Guarujá, onde jogava futebol e praticava outros esportes da época, mas logo me vi em cima de uma prancha e acabei aprendendo a surfar. Assim como muitos outros garotos que moram no litoral, comecei usando pranchas emprestadas, e fui percebendo que tinha bons movimentos. Depois, comecei a competir em campeonatos locais, e me dedicava bastante ao surf. Mas aí veio o acidente e acabei tendo que dar um tempo...

Como foi a sua volta para o surf? Quais foram as principais dificuldades?

Logo que melhorei, voltei para a natação; por dois anos nadei diariamente. Com isso, a minha confiança dentro da água aumentou. Eu queria entrar no mar, mas



1- NA PÁGINA ANTERIOR, PIRATA ENCARA 4 PÉS HAVAIANOS DE RESPOSTA EM GAS CHAMBERS, NOVEMBRO DE 2004 FOTO SEAN DAVEY
2- AQUI, ENTOCADO EM ROCKY POINT, DURANTE O ÚLTIMO INVERNO

a grande dúvida era como eu ia fazer para ficar na prancha, como ia levantar, qual seria a posição, se conseguiria manobrar... Pensei até em optar por um bodyboard, mas queria mesmo voltar a surfar. Um dia consegui uma prancha emprestada de um surfista que passava pela praia e, sem perceber o tamanho da prancha, entrei na água pulando. Peguei a primeira espuma que veio, e logo veio o estilo único, totalmente por instinto, colocando a perna direita atrás e o braço direito na frente.

Foi difícil? O que você sentiu?

Pra falar a verdade, no início foi muito complicado coordenar os movimentos com o meu novo posicionamento em cima da prancha, mas com o tempo fui me adaptando a esse meu jeito novo de surfar. No começo era difícil controlar a velocidade da onda, lidar com o tamanho, fora muitas outras dificuldades, mas nunca desisti da idéia confirmada de voltar a surfar. Aí, com o estilo próprio definido, procurei treinar para evoluir, e hoje em dia consigo surfar numa boa.

Quando você toma um caldo deve ser bem difícil voltar à superfície. Você já passou alguma situação de desespero dentro do mar?

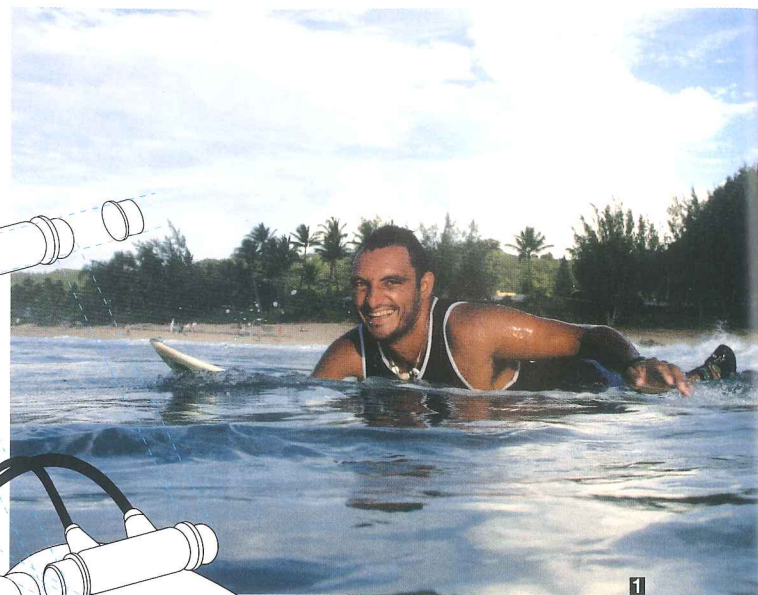
Não posso negar que fica superdifícil, sim. Principalmente porque a cordinha fica amarrada na perna direita, que geralmente é puxada pela onda. Com o pé preso, fico apenas com as mãos para tentar subir. Geralmente tomo uns caldinhos mais profundos do que a maioria dos meus companheiros, mas tudo bem, faz parte. Me lembro de ter passado um bom sufoco em Uluwatu, Indonésia, onde logo que entrei no mar fui arrastado pela correnteza e fiquei preso pela cordinha numa bancada super-rasa. Não conseguia me soltar, e tomei algumas ondas de tamanho na cabeça, mas, no fim, deu tudo certo.

E para surfar ondas grandes, você se sente limitado? Quais foram as maiores que já surfou?

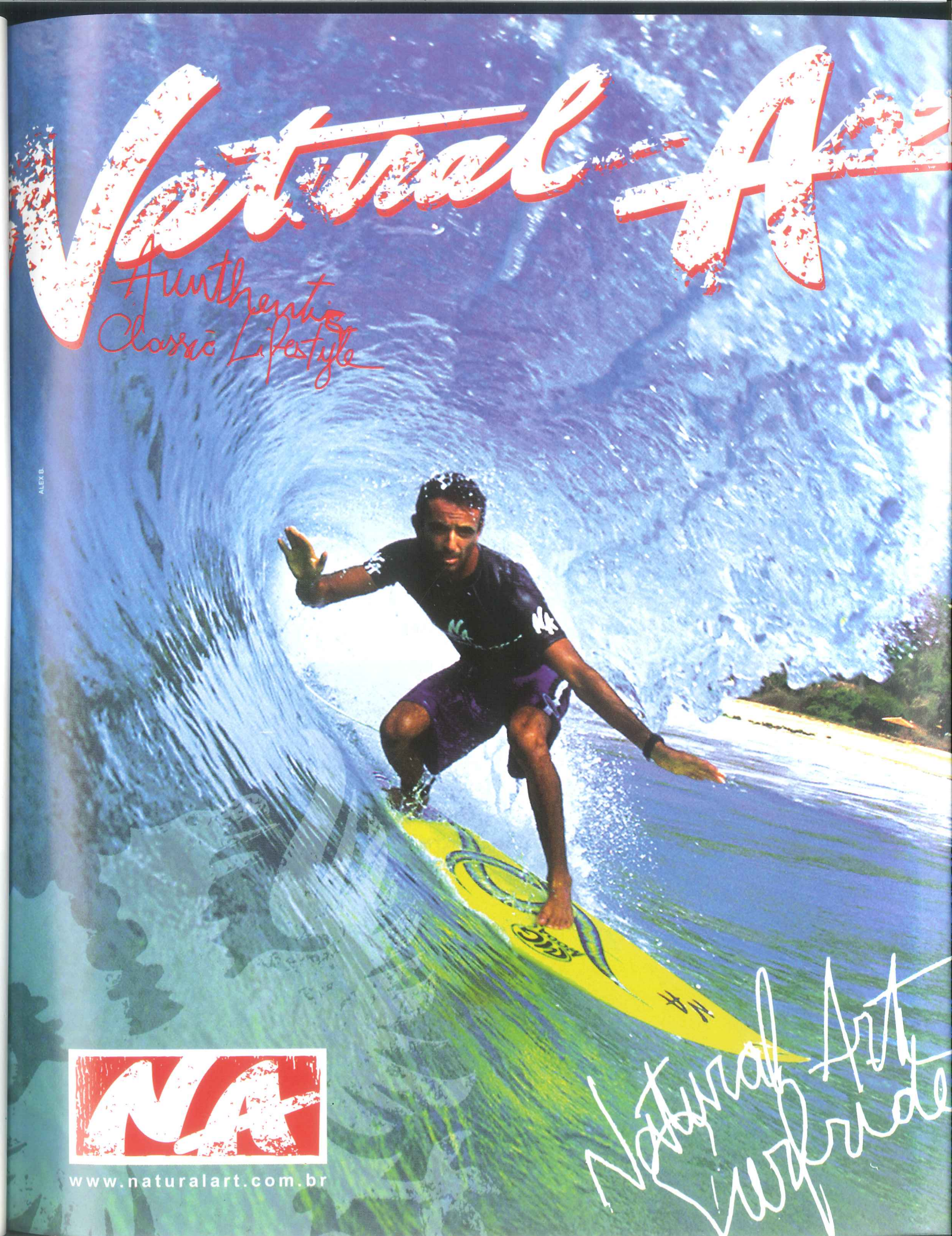
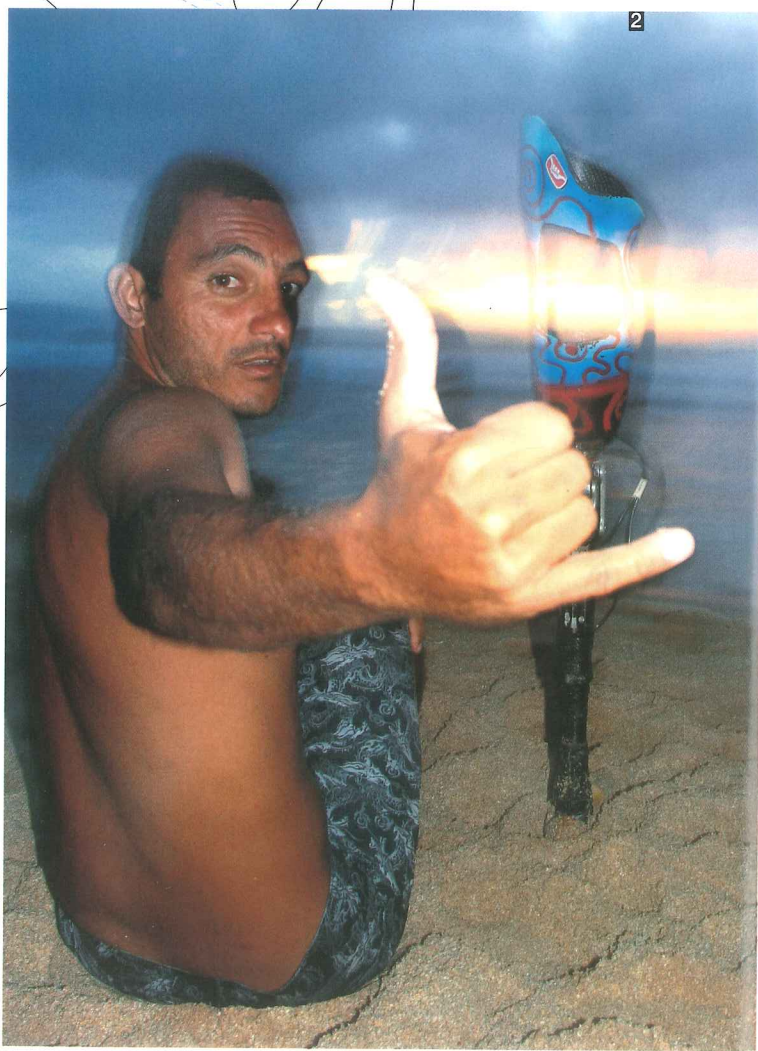
Na verdade, eu prefiro que a onda seja relativamente grande, pois quanto maior for, mais força ela tem, mais impulsão, e isso me ajuda. Mas, geralmente, nos dias grandes, a chance de se cometer erros também é maior e, no meu caso, pode ser fatal. A minha posição na prancha causa grande impacto nos membros, principalmente braços e perna. Acho que o maior mar em que já caí foi por volta de 15 pés em Waimea, mas vi que era quase impossível completar o drop por causa do balanço da onda, da velocidade e pressão, que eram muito grandes para o meu braço suportar. Ali, poderia facilmente sofrer uma fratura. Também já peguei ondas grandes no Peru, em Pico Alto, cerca de 12 a 18 pés.

Você já se imaginou fazendo tow-in?

Sempre tive vontade. Um dia pedi para uns amigos me puxarem só para ver se conseguiria. A posição para surfar sendo puxado pelo braço esquerdo e ao



1-2-ROCKY POINT, HAWAII, INVERNO DE 2004



Natural Art

Authentic Classic Lifestyle



www.naturalart.com.br

Natural Art
Surfboard

mesmo tempo tendo que controlar a velocidade do jet complicou bastante. Mas consegui surfar uma onda. Na verdade, hoje quero me dedicar um pouco mais ao tradicional paddle-in, e evoluir um pouco mais no meu modo de surfar.

Me parece que você entuba com grande facilidade. Isso acontece devido ao fato de você se posicionar mais agachado do que a maioria dos outros surfistas, ou entubar é um instinto natural seu?

Isso realmente me ajuda muito. Quando estou agachado, vejo o tubo de um outro ângulo. Às vezes, acabo ficando muito deep, e acabo caindo. Mas tenho no sangue o surf, e o surf pra mim é tubo. Os tubos me ajudam a carregar a bateria, para, quando estiver fora da água, ter uma boa inspiração para continuar a viver. Quero continuar surfando até que eu não consiga entrar mais no mar ou ficar em pé numa prancha, e, mesmo quando não conseguir mais, vou continuar vivendo do surf, eternamente.

Existe alguma manobra que seja praticamente impossível para você? Já tentou 360° ou aéreos?

Já tentei várias vezes, mas nunca consegui completá-los, tanto o 360° como o aéreo, nunca voltei em nenhum deles. Mas já consegui fazer uma manobra quase impossível para mim, que é o floater, que tem grande impacto ao voltar na base. O risco para que aconteça uma torção no braço é muito grande. De vez

em quando, acho o momento certo e arrisco um pouco, e algumas vezes consigo completar e continuar na onda.

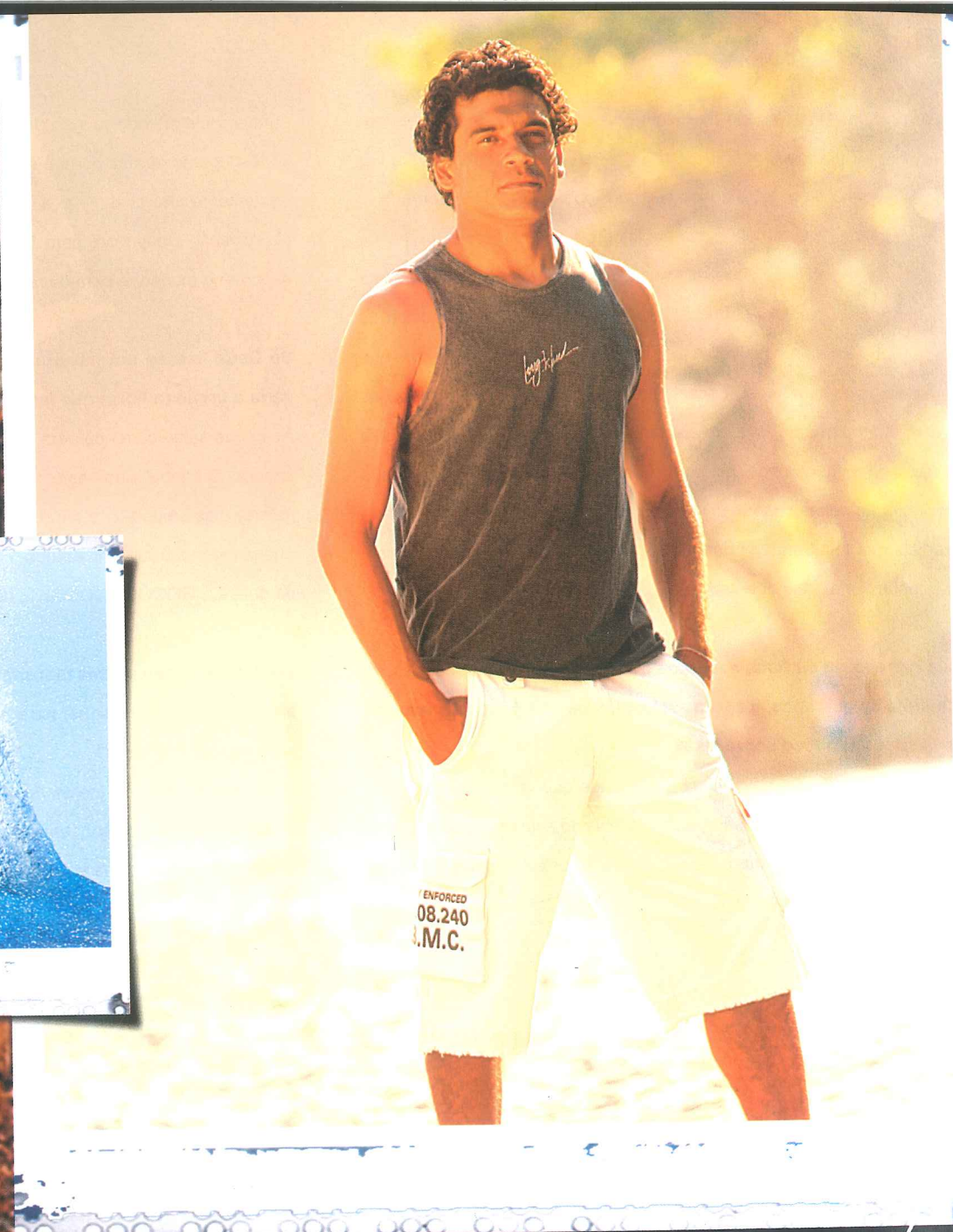
Já vi alguns vídeos seus pegando bons tubos em Bali, e já presenciei altas ondas suas aqui no Hawaii. Como você compararia esses dois lugares e qual deles você prefere?

Já consegui surfar ondas grandes e perfeitas em ambos os lugares, mas onde fico mais à vontade sem dúvida é na Indonésia, apesar dos corais serem bem mais afiados e perigosos. A presença de muita gente num lugar me deixa fora do astral do surf; o Hawaii realmente é muito crowd. Mas mesmo assim tento ir todo ano, pois sei que em lugar nenhum conseguimos pegar ondas tão pesadas. Este ano, por exemplo, fiquei acampado em frente a Rocky Point, apenas com as minhas pranchas e uma bicicleta. Acho que o lance do Hawaii é você ficar na sua, não remar em onda de local, saber escolher os picos e as horas certas de entrar no mar... Se você souber se comportar, vai acabar tendo bons momentos. Já Bali é mística e simplesmente mágica, com ondas perfeitas e muita tranquilidade para surfar, sem dúvida, um paraíso do surf.

Apesar de todo o crowd e localismo no Hawaii, você acha que é favorecido por ter uma deficiência?

Às vezes deixam eu pegar as ondas, mas dentro da água o Hawaii é sempre

longisland.com.br



DE BACKSIDE EM ROCKY POINT, NORTH SHORE HAWAIIANO

andreas eduardo
tahiti adventures
**long
island
concept's**
walkshort's

uma grande disputa. Mas consigo me sentir bem à vontade, sim. Alguns dos locais me reconhecem e deixam eu ficar junto deles esperando a série. De vez em quando sobra uma ou outra, e quando eu consigo pegar e mando bem, eles me elogiam. Este ano fiquei sabendo que um fotógrafo gringo colocou um pôster grande meu numa exposição, e que rolou uma boa repercussão; isso também me deixou bastante contente. Acho que durante todos esses anos mostrei às pessoas que tudo na vida é possível. A técnica surf que eu adquiri fez com que eu fosse respeitado no mundo pela capacidade de encarar ondas como pessoas normais (com duas pernas). Teve um dia em Gas Chambers que sobrou uma onda perfeita para mim, de onde tirei um belo tubo. Depois fiquei sabendo que a praia inteira foi ao delírio quando viu que eu tinha saído do tubo e que eu era aquele "surfista que não tem uma perna". São momentos assim que me fazem continuar a tentar surfar melhor a cada dia...

Fora a sua carreira de surfista, sabemos que você tem uma escolinha de surf no Guarujá há oito anos, e agora está trabalhando com o surf adaptado. Poderia falar um pouco sobre isso?

O surf adaptado é uma coisa nova. Uma modalidade que veio a existir a partir do momento em que comecei a praticar o surf depois do acidente, pois tive que, de uma maneira ou de outra, me adaptar ou readaptar ao esporte que tanto

amava. Hoje me dedico à escola de surf no Guarujá e também a demonstrar em vários lugares no mundo que existe a possibilidade de voltar a surfar independentemente de qual seja a sua dificuldade. Junto a uma ONG, a ADD (Associação Desportiva para Deficientes), venho trabalhando para difundir o esporte no mundo, e para outras entidades voltadas ao esporte adaptado.

Se Deus fizesse um milagre na sua vida e lhe devolvesse a perna, qual seria a primeira coisa que faria?

Acho que sairia correndo para jogar bola, pois era algo que fazia muito quando criança. O futebol ainda está no meu sangue. Até hoje jogo uma pelada com a galera, mas sempre fico no gol. Mas nesse caso, não iria querer ficar no gol, queria mesmo é jogar no ataque. Faria um belo gol e sairia comemorando junto da galera... GOOOOOOOOOL.... do Pirata! (risos).

Você poderia deixar uma mensagem para as pessoas que estão lendo esta entrevista ou, quem sabe, para alguém que esteja procurando uma força para vencer barreiras?

O impossível está na mente dos acomodados. Eu sempre consegui tudo na minha vida através do surf; ele me mostrou que existem caminhos maravilhosos a serem seguidos, basta saber levar a vida dignamente.

Pirata é patrocinado pela Hang Loose, ADD (Associação Desportiva para Deficientes), Restaurante Tahiti e Ortopedia Conforpés.



Waikiki

DEUS *YOU* *SURF*

**Se você entende este espírito,
você faz parte do nosso time.**

FOTO MAIOR E MENOR: TIZOT, PUERTO ESCONDIDO/MÉXICO

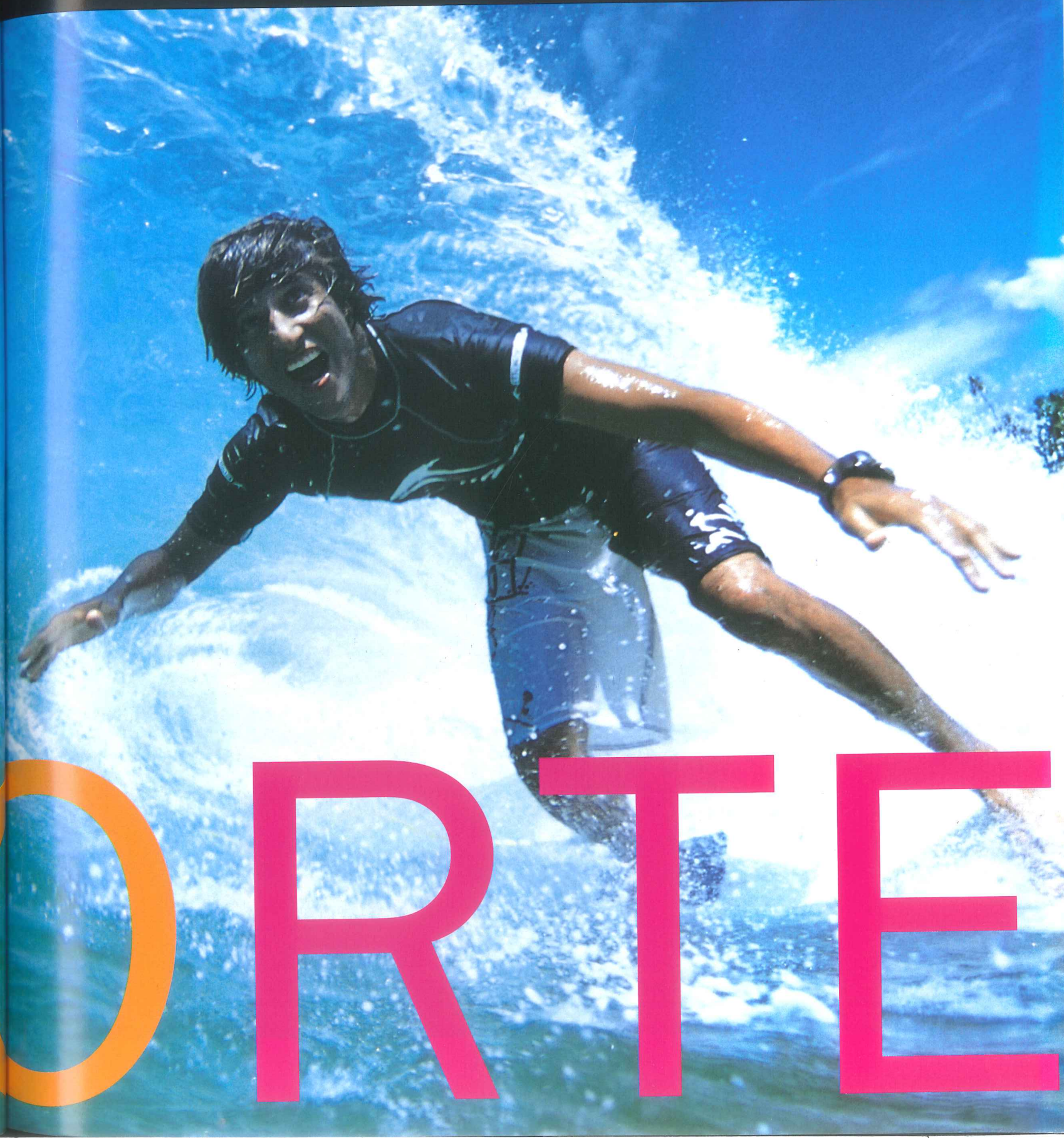
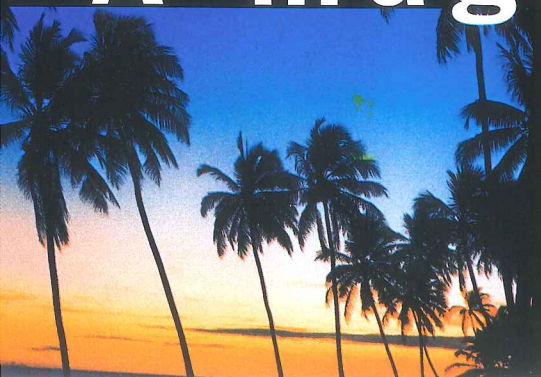
Tel. (41) 288 1516 www.waikiki.com

O ano foi 1985. Atletas e curiosos de todo o mundo participavam de uma etapa do campeonato mundial de windsurf, na então desconhecida e rústica vila de pescadores da praia do Forte, no litoral norte baiano. Pranchas, velas, barcos de apoio e praticantes se espremiavam no Porto de Baixo, baía do recém-inaugurado hotel Robson Club. O mar apresentava-se em um estado de ressaca histórico, derrubou lanchas e barcos, desenraizou coqueiros e assustou muita gente, principalmente os pescadores da localidade, situada a 70 quilômetros do centro de Salvador. Em meio a essa situação, desclassificado da prova e alheio a toda a confusão, um atleta australiano aproveitou-se do momento, pegou carona em uma das lanchas de apoio e seguiu rumo a uma bancada de arrecifes, ao lado esquerdo da baía. Com sua biquilha, o solitário e perspicaz gringo inaugurava naquele instante uma adormecida esquerda oca e forte, com cerca de 8 pés. Esse foi com certeza o primeiro felizardo a cair naquelas ondas, batizadas de Quebranças pelos locais, algum tempo depois. No entanto, o que esse pioneiro não sabia é que esse era apenas um dos inúmeros lugares de ondas perfeitas e virgens a serem descobertos, nos extensos 12 quilômetros de praias.

Por Yordan Bosco
Colaboração e fotos Eduardo Moody

A magia da praia do

FORTE



Entre todos os picos da praia do Forte, Quebranças é um dos mais rasos e menos constantes. As ondas mais famosas e constantes estão na Catinguiba, mais conhecida entre os visitantes como Papagente. A bancada de coral é dividida por um canal natural, onde quebram esquerdas de um lado e direitas do outro. Se mesmo o vento nordeste (o mais constante na região) soprando forte é sinônimo de surf garantido, com o noroeste, que entra como terral, a garantia é de tubos. Esse vento é muito comum nos dias de verão, no começo da manhã. A Catinguiba sustenta ondas de até 6 ou 7 pés, no máximo. Passando disso, mesmo em boas condições, dificilmente a bancada segura. Ao conhecer o pico, em 1989, quando realizou um ensaio fotográfico para um catálogo da OP, junto com David Husadel e outros surfistas, Ricardo Bocão ficou encantado com as ondas e chegou a comparar sua perfeição e o visual do lugar com os das ilhas do Taiti.

A descoberta do paraíso

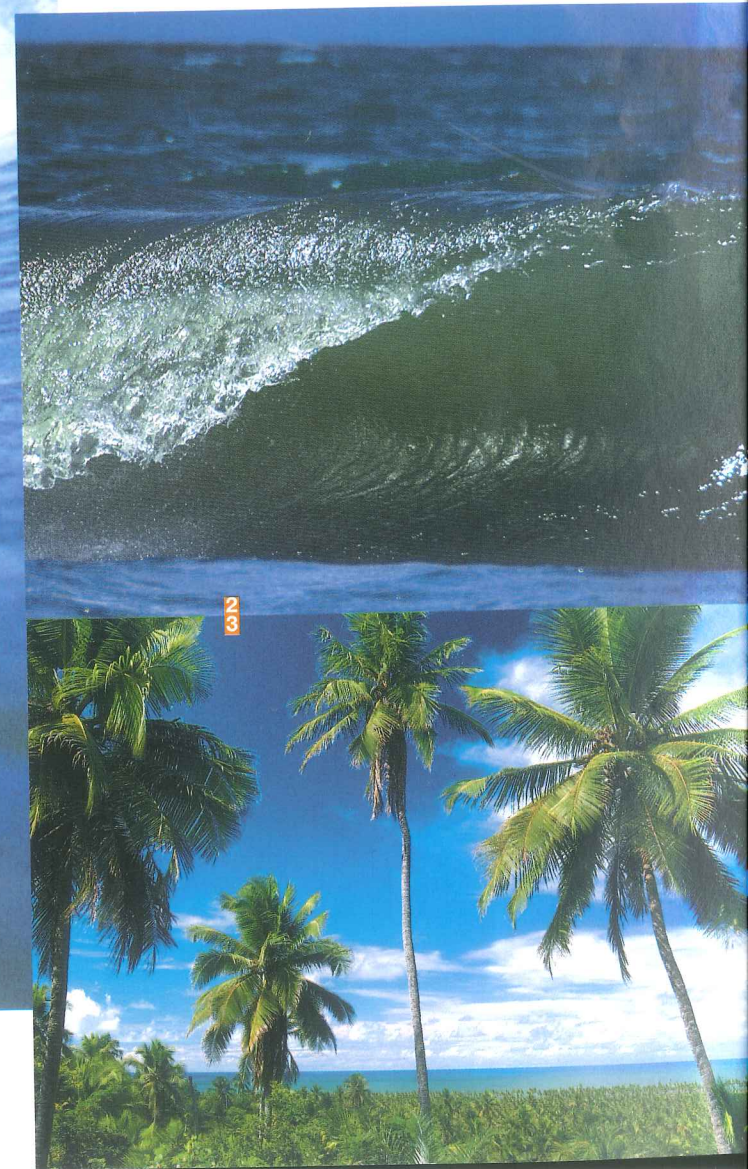
A Catinguiba começou a ser desvendada pelos surfistas baianos entre 86 e 87. Caras como Andreas "Alemão", Molho, Luiz Dentinho (que está radicado lá há cerca de 15 anos), Samir Silva, Aloísio "Louro" Melo, Fábio Resende, Hilton Issa, Marcos Nariga, Rosvaldo Rosca, Kiko e Maurício Benjamin, Heron Valadares, Lau, Alexandre Karr, André Bernard, entre outros, estão no grupo dos pioneiros nas ondas da praia do Forte. Não há registro de quem foi a primeira pessoa a surfar na Catinguiba, mas todos os indícios levam a crer que o longboarder Andreas "Alemão" tenha sido o precursor.

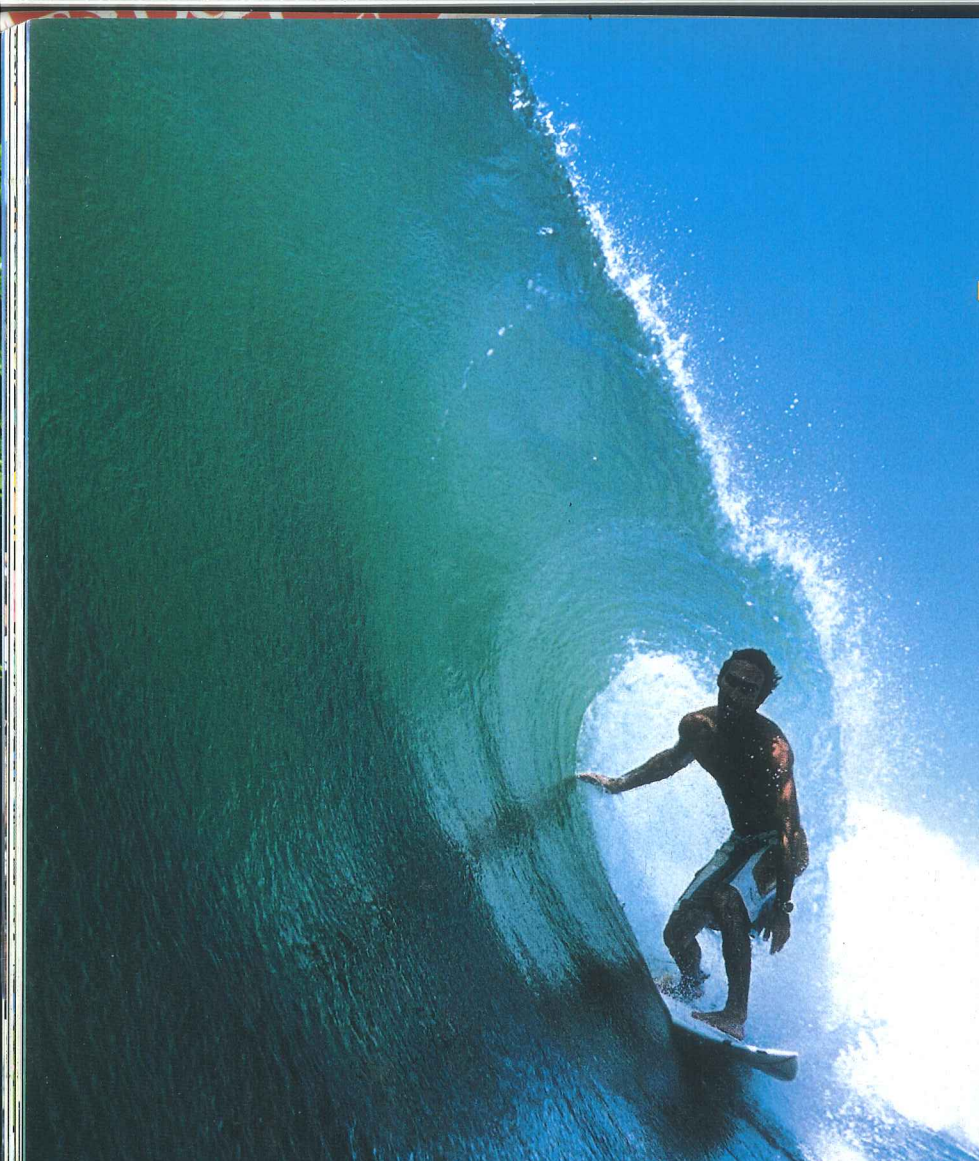
O shaper das pranchas Aleluia e surfista Samir Silva, 43 anos, frequenta a praia de Itacimirim – 6 quilômetros ao sul – desde criança. "Conheço a praia do Forte desde quando era uma fazenda. Lembro que pegávamos uma balsa para atravessar o rio Pojuca e que havia uns caras catando coco com lanças, espalhados pelo coqueiral", recorda Silva. "Conheci a Catinguiba em 1986, ano da minha primeira caída lá. Estava passeando na praia, em um dia de verão, e vi Andreas 'Alemão', Molho e Aloísio 'Louro' Melo surfando umas direitinhas perfeitas em cima de uma bancada bem rasa. Não acreditei", conta o shaper, que na época não acreditava muito nas ondas locais. "Ia sempre quando não tinha nada em Itacimirim. Conheci o potencial mesmo cerca de dois anos depois, após minha primeira temporada havaiana. Lembro do primeiro mar grande e clássico, por volta de 1989. Olhava para aquele visual, para as ondas azuis e tubulares, e me sentia em Bali", comenta.

1-A PRAIA DO FORTE AINDA ESCONDE MUITAS ONDAS QUE OS PRÓPRIOS LOCAIS PREFEREM NÃO DIVULGAR

As ondas mais constantes estão na Catinguiba, onde a bancada de coral é dividida por um canal que separa esquerdas e direitas de qualidade

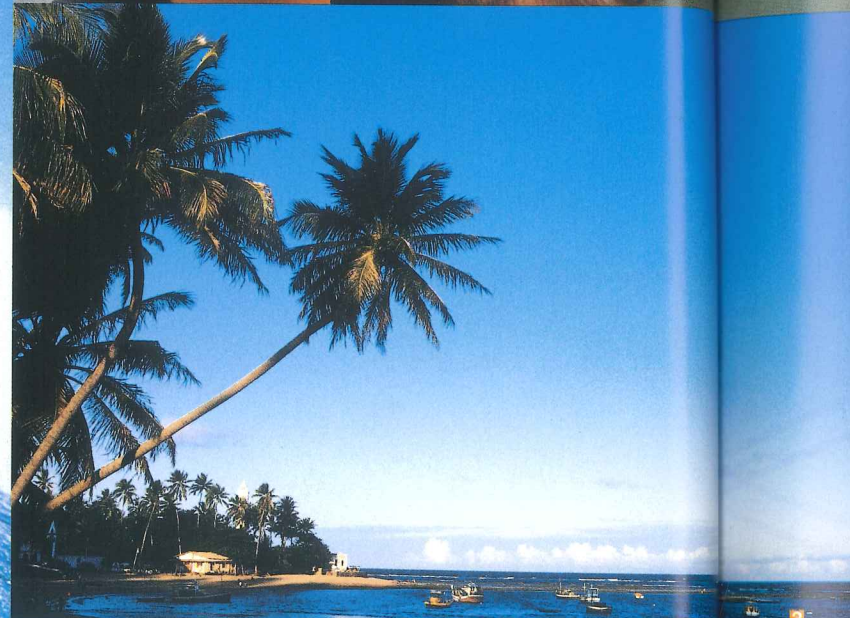
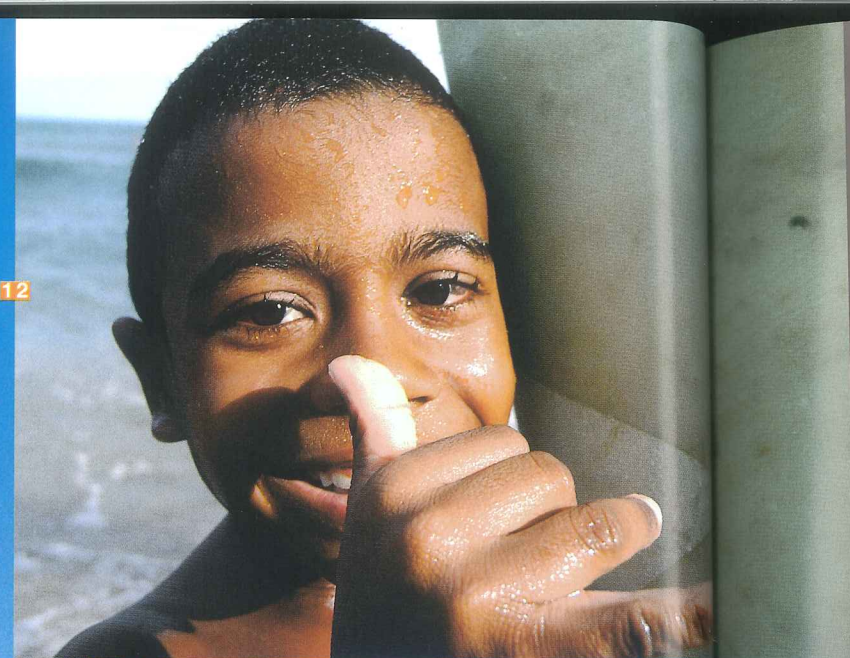
2-A ONDA TUBULAR DA CATINGUIBA, CONHECIDA COMO PAPAGENTE
3-ESTE CONTRASTE COLORIDO É TÍPICO DA REGIÃO BAIANA





12

A combinação de ondas perfeitas durante o dia com muita curtição à noite é um dos grandes atrativos da praia do Forte



34



34

Infra, badalação e crowd

Voltando a falar do pioneiro australiano... Se ele resolvesse voltar hoje à praia do Forte, quase 20 anos depois, com certeza não reconheceria o lugar que inaugurou. Não só pela infra-estrutura, mas pelo impacto do crowd local. Se em meados dos anos 80 havia apenas o Robson Club, a Pousada Oxumaré e a Pousada Praia do Forte como opção de hospedagem, hoje ele poderia escolher um entre os mais de 3 mil leitos disponíveis em toda a vila. O clássico estabelecimento antigamente chamado timidamente de Robson Club, hoje é conhecido internacionalmente como Praia do Forte Eco Resort.

Mas, e o privilégio de surfar sozinho num paraíso daqueles, quebrando grande e clássico? Ah! Isso aquele gringo dificilmente teria novamente. Além de muita gente da Bahia e de outros estados surfarem freqüentemente na praia do Forte, o contingente de surfistas locais cresce a cada dia. Pelo fato de possuir bancadas apertadas, a presença de mais de 10 surfistas já começa a ficar insuportável. No final dos anos 80 era possível pegar ondas boas sem dividi-las com ninguém, até mesmo em feriados e finais de semana de verão. Hoje, é praticamente impossível fazê-lo, mesmo em dias de semana. Para muitos, o crowd e o localismo da praia do Forte é o mais intenso da Bahia. Além dos surfistas locais, na sua maioria jovens e adolescentes, alguns free surfers de Salvador e de outros lugares do Brasil residem na praia do Forte em busca do mesmo potencial. O grande número de estabelecimentos comerciais no local e a implantação do Complexo Hoteleiro Costa do Sauípe (localizado a 30 quilômetros) há menos de cinco anos atraiu mão-de-obra de vários lugares do Brasil e do mundo, principalmente de São Paulo. Esse foi um fator preponderante para engrossar o crowd, que não se resume somente à presença dos próprios moradores, mas que se soma aos seus amigos, parentes e àqueles que acabam encontrando o caminho para chegar ao paraíso.

5-CASTELO GARCIA D'ÁVILLA



5

1-ANDRÉ TEIXEIRA, SURFISTA DE SALVADOR QUE TAMBÉM VEM AO LITORAL NORTE PARA SURFAR NA PRAIA DO FORTE
2-A NOVA GERAÇÃO É UMA DAS GRANDES APOSTAS DO SURF LOCAL
3-A VISTA DE UMA MESMA PRAIA PODE ASSUMIR DIVERSAS CORES NUM DIA SÓ
4-SILVINHO, LOCAL DA PRAIA DO FORTE



Novo conceito,
novas marcas,
novas lojas...

zero.com.br

:: Rua Dr. Mário Ferraz, 547 :: Jd. Paulistano :: SP
3168-1913 :: gzeromf@gzero.com.br

:: Market Place Shopping Center :: Piso Térreo :: Lj. 146 | 147 :: SP
5181-6751 :: gzeromp@gzero.com.br



cantão

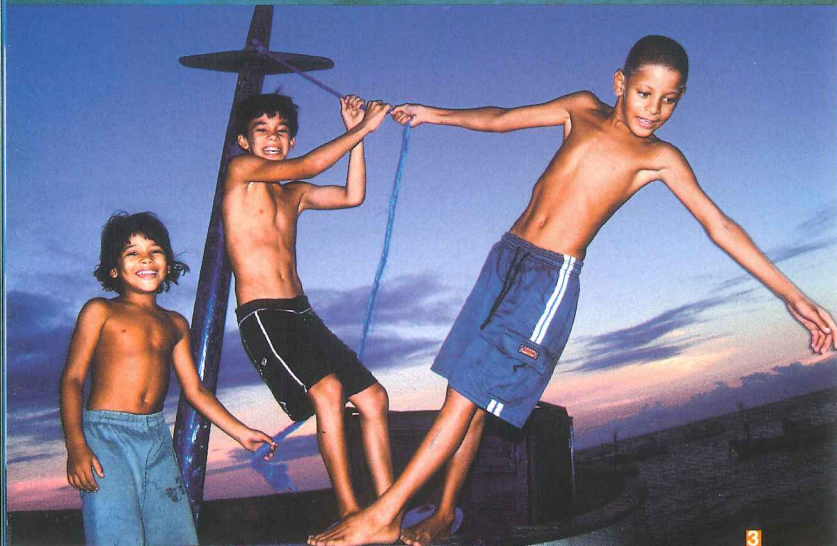
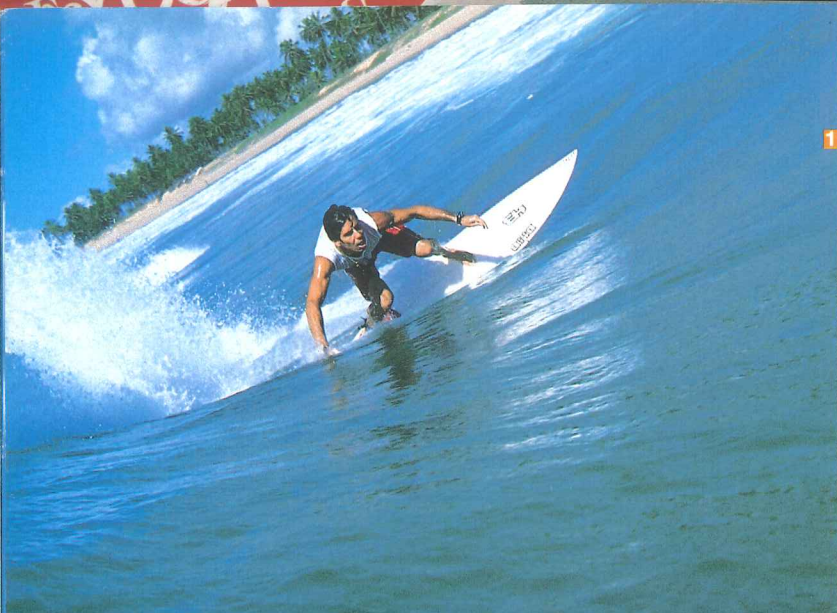


Gzero
The Boardsports House

Para um dos surfistas locais mais respeitados, Joaquim Cerqueira Santos, o Kiko, de 25 anos, o principal problema do crowd da praia do Forte está relacionado à falta de educação e respeito de alguns surfistas de fora. "Os caras chegam e acham que já são donos do pico só porque deram duas caídas. Rabeiam todo mundo, não dão bom-dia nem boa-tarde e ainda olham pra você com uma certa arrogância. A educação, ou a falta dela, vem da formação da pessoa, não tem nada a ver com o surf. Em qualquer lugar do mundo, os visitantes têm que respeitar quem vive o ano todo em determinado lugar, para poderem ser respeitados. É uma coisa natural", reclama o nativo. Ele, seu primo Flávio "Gargamel" Nunes e Marcinho "Guedes" são os surfistas mais experientes e influentes do local. Todos começaram a surfar no começo dos anos 90. Outros nativos, mais velhos, como Coelba, Nengo, Papada, Serginho, Del e Ênio "Pixote", começaram a pegar onda no final dos anos 80, mas acabaram parando.

Além de influenciar a molecada local pelo surf de manobras plásticas, fortes e funcionais, Kiko faz um trabalho voluntário muito importante para a comunidade. Capoeirista há quase uma década, há três anos vem ensinando gratuitamente crianças e adolescentes da vila da praia do Forte. O surfista compartilha da mesma opinião de Samir Silva, em relação aos benefícios trazidos pelo surf. "É legal ver um grande número de crianças e adolescentes surfando hoje em dia. A praia do Forte era muito carente de esportes, e os jovens ficavam sem ocupação. Além do surf, a prática da capoeira e do futebol tem crescido bastante por aqui", comemora Kiko, que, além de oferecer as aulas, ainda orienta a molecada sobre assuntos relacionados a educação ambiental, comportamento e respeito às outras pessoas.

Poucos têm o privilégio de surfar
sozinhos num paraíso destes,
quebrando **grande** e clássico



- 1-ARMANDO DALTRO, O MANDINHO, COMPETIDOR DO TOUR MUNDIAL QUE TREINA NA PRAIA DO FORTE
- 2-FLÁVIO GARGAMEL, UM DOS EXPERIENTES SURFISTAS DA REGIÃO, NA CATINGUIBA
- 3-GROMETS BAIANOS
- 4-CENA TÍPICA DA VILA LOCAL
- 5-'DOUTOR AFRÂNIO' NAS ÁGUAS TRANSLÚCIDAS DA CATINGUIBA
- 6-O PESCADOR TEUVO
- 7-A IGREJINHA DE SÃO FRANCISCO
- 8-ELES EXPLORARAM E ENCONTRARAM, MAS CERTAMENTE NÃO VÃO DIZER ONDE É

Sustentabilidade natural

A praia do Forte é um dos lugares mais badalados e valorizados do Brasil. Muitas das rústicas cabanas de pescadores dos anos 80 foram substituídas por casas luxuosas e por uma imensa quantidade de lojas, restaurantes, pousadas, vilages e bares. A combinação de ondas perfeitas durante o dia e diversas opções de curtidão à noite é um dos maiores atrativos para o grande número de surfistas que freqüentam o local, principalmente no verão e nos feriados. Pelas charmosas ruas de paralelepípedos, é possível encontrar restaurantes especializados em comidas italiana, espanhola, japonesa, chinesa e francesa, sem falar, é claro, na apimentada comida típica baiana. Não há hora nem dia da semana em que o turista não encontre um lugar aberto para aproveitar a gastronomia baiana ou simplesmente tomar uma cerveja.

O desenvolvimento turístico e econômico da praia do Forte é fruto de um projeto ousado e inédito, iniciado pelo empresário paulista Klaus Peters no começo dos anos 80. Dono da Fazenda Praia do Forte, ele construiu a pousada em 82 e o Robson Club em 85, loteou uma porção de terras e impôs algumas regras aos compradores para a construção dos seus imóveis, para que estes tivessem uma boa ocupação do solo e harmonia com o meio ambiente. Entre as normas, estão a que obriga os construtores a plantar quatro coqueiros a cada um derrubado e o limite de 10 metros de altura para as construções.

A praia do Forte também teve, sobretudo nos anos 80 e 90, um forte marketing no meio turístico internacional. "O grande diferencial da praia do Forte, enquanto produto turístico, é que sua formação se deu por meio de um planejamento turístico no qual a ocupação e o uso do solo, bem como a implantação de equipamentos, visaram o desenvolvimento de um turismo sustentável", explica a turismóloga e coordenadora do curso de Turismo da

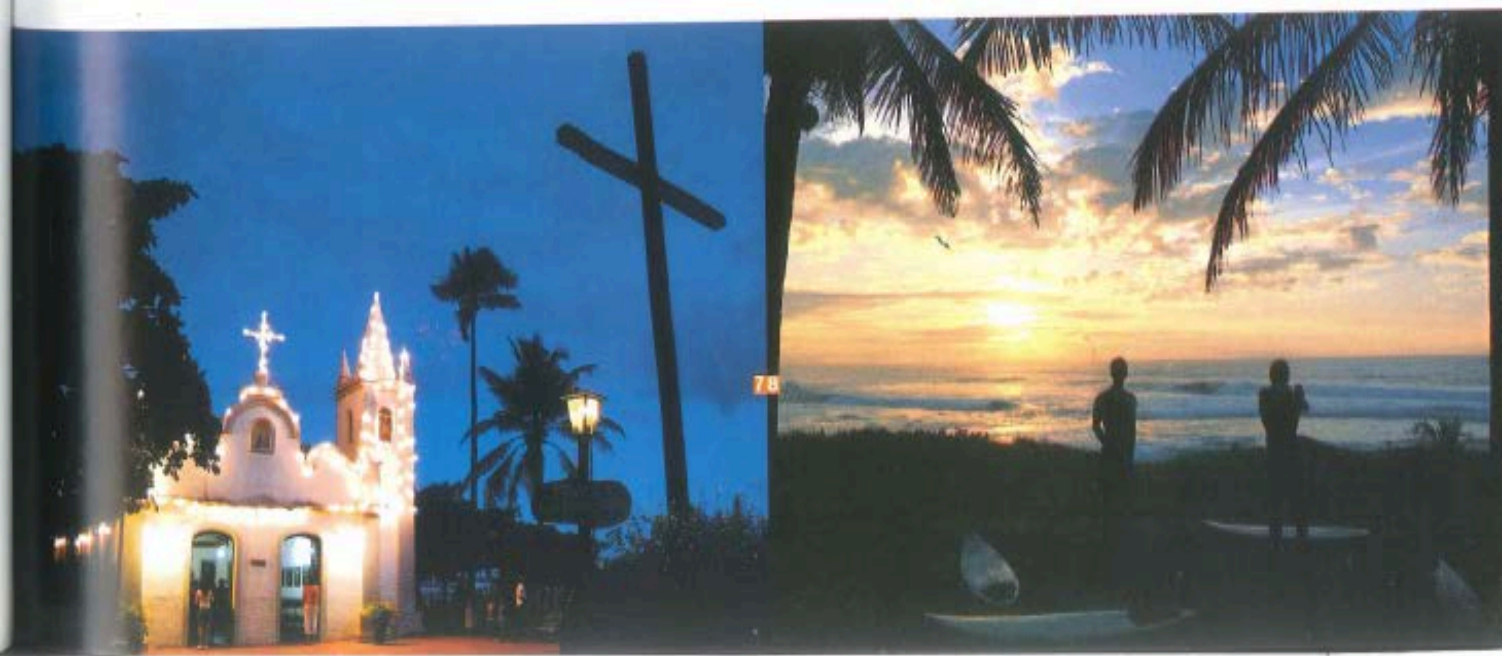
Faculdade Integrada da Bahia (FIB), Tessa Santana, que escolheu a praia do Forte como objeto de estudo da sua dissertação de mestrado. "Os projetos de preservação ambiental, a exemplo do Tamar e da Reserva Sapiranga, também foram fundamentais para a criação uma consciência ecológica na comunidade", acrescenta.

O Projeto Tamar, que nasceu na praia do Forte em 1980, teve um importante papel para o sucesso do desenvolvimento local e vice-versa. Além de preservar as tartarugas marinhas, o projeto vem gerando empregos, renda, e vem contribuindo para a educação ambiental não só na praia do Forte, mas em diversas comunidades litorâneas do Nordeste e do Sudeste do país. O centro de visitação local, onde fica a sede nacional do projeto, é o principal cartão-postal de todo o litoral norte baiano.

Durante o verão, acontece a temporada de desova das tartarugas, e é possível ver os filhotes serem soltos na praia. A Reserva Sapiranga, o Castelo Garcia D'Ávila e o Projeto Baleia Jubarte são outros importantes atrativos turísticos. De julho a novembro é a época de migração das baleias, que saem dos pólos para acasalar e se reproduzir no litoral baiano. Nesse período, a costa fica cheia de mamíferos gigantes. Além de os pesquisadores saírem todos os dias ao encontro delas para estudar seu comportamento, algumas agências de turismo local fazem passeios para a sua avistagem.

Para finalizar, é possível dizer que a praia do Forte não é simplesmente um incrível surf spot, mas um local mágico que transborda potencialidade, vida, natureza e que depende única e exclusivamente de nós para manter-se são e salvo.

Yorden Bosco, 32 anos, é editor do jornal Taking Surf e local da praia do Forte. Foi um dos primeiros a surfar no local, em 1985.

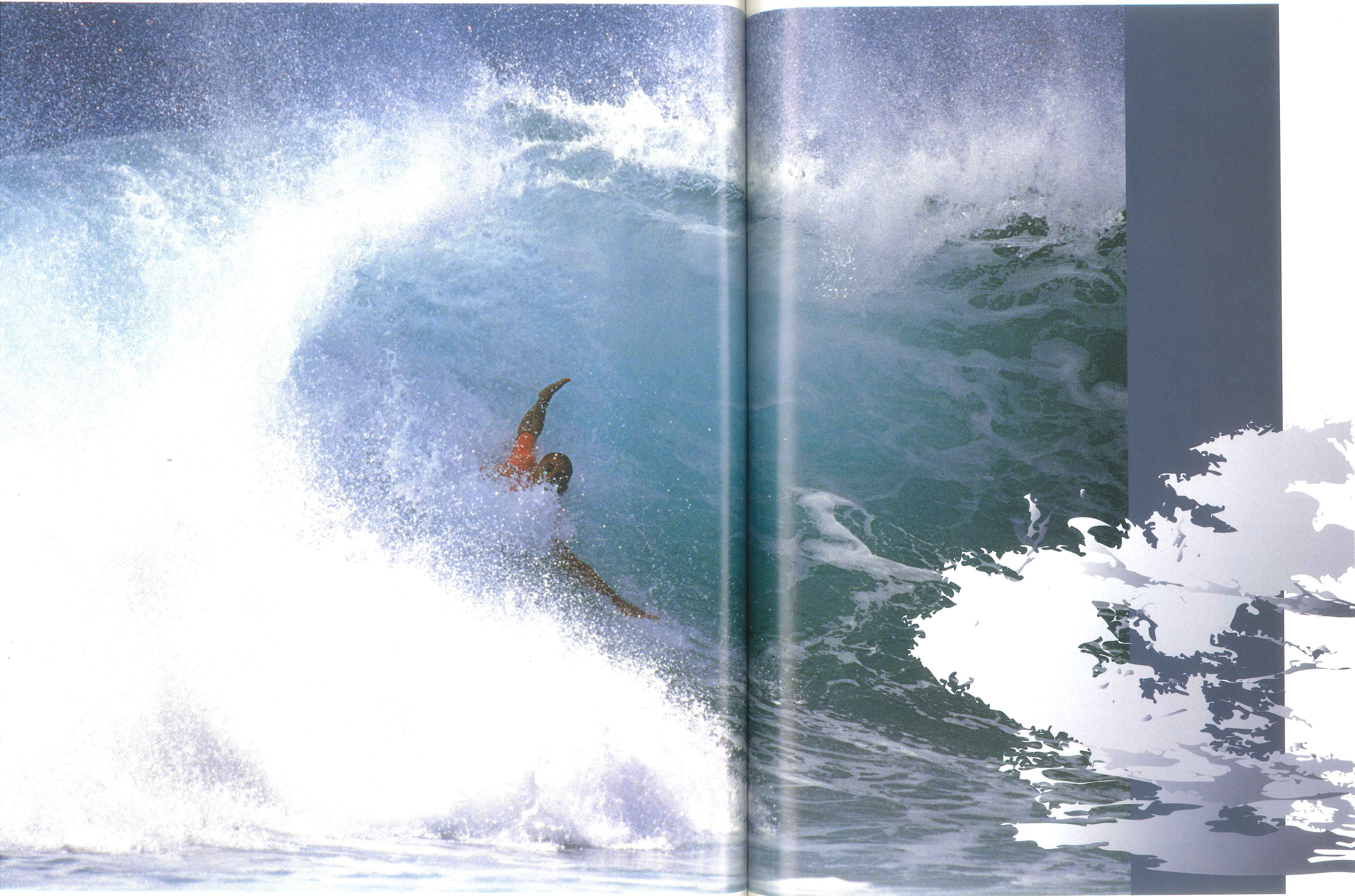


Fotos Sean Davey

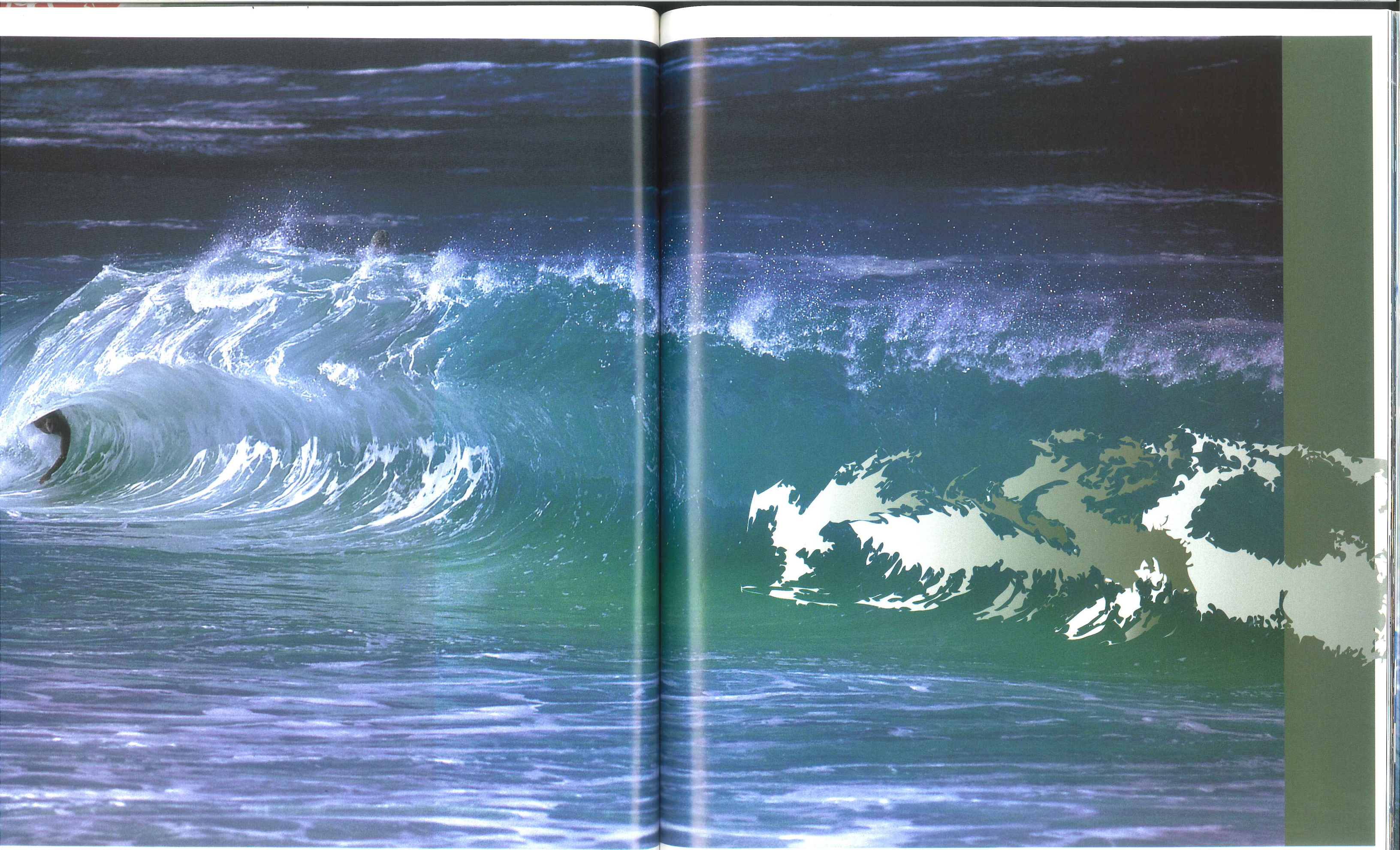
NO

PEITO

Quem não conhece o esporte, deve estar pensando... "o que esse cara tá fazendo?". Embora muitos não saibam, o surf de peito, que existe desde muito antes de alguém pensar no que era uma prancha, é cada vez mais praticado por bodyboarders e surfistas com a finalidade de treinar a natação no mar, adquirir melhor preparo físico e sentir a energia e o movimento das ondas em contato direto com o corpo.



KELLY SLATER É UM DOS MUITOS SURFISTAS QUE ESTÃO USANDO O BODYSURF PARA ENTENDER COM O CORPO A ENERGIA QUE FLUI POR DENTRO DE UMA ONDA. PIPELINE, 2002



DENTRO DA TOCA, ERIC BAESEMAN PROVA QUE DOIS CORPOS PODEM SIM OCUPAR O MESMO ESPAÇO

Modelo: Dog Fight
Armação: TR-90 Grilamid
Lentes: MLC Mirror
(Multi Layer Coating)
(D) Decentered



Essa é a perfeição X-Treme da natureza.

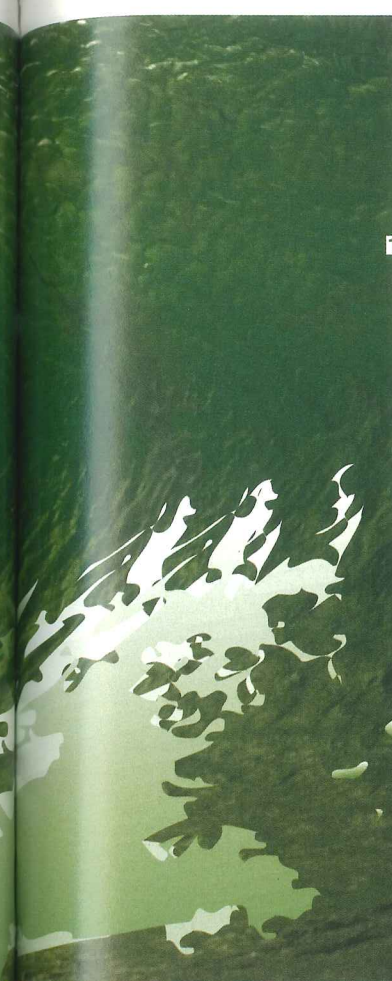
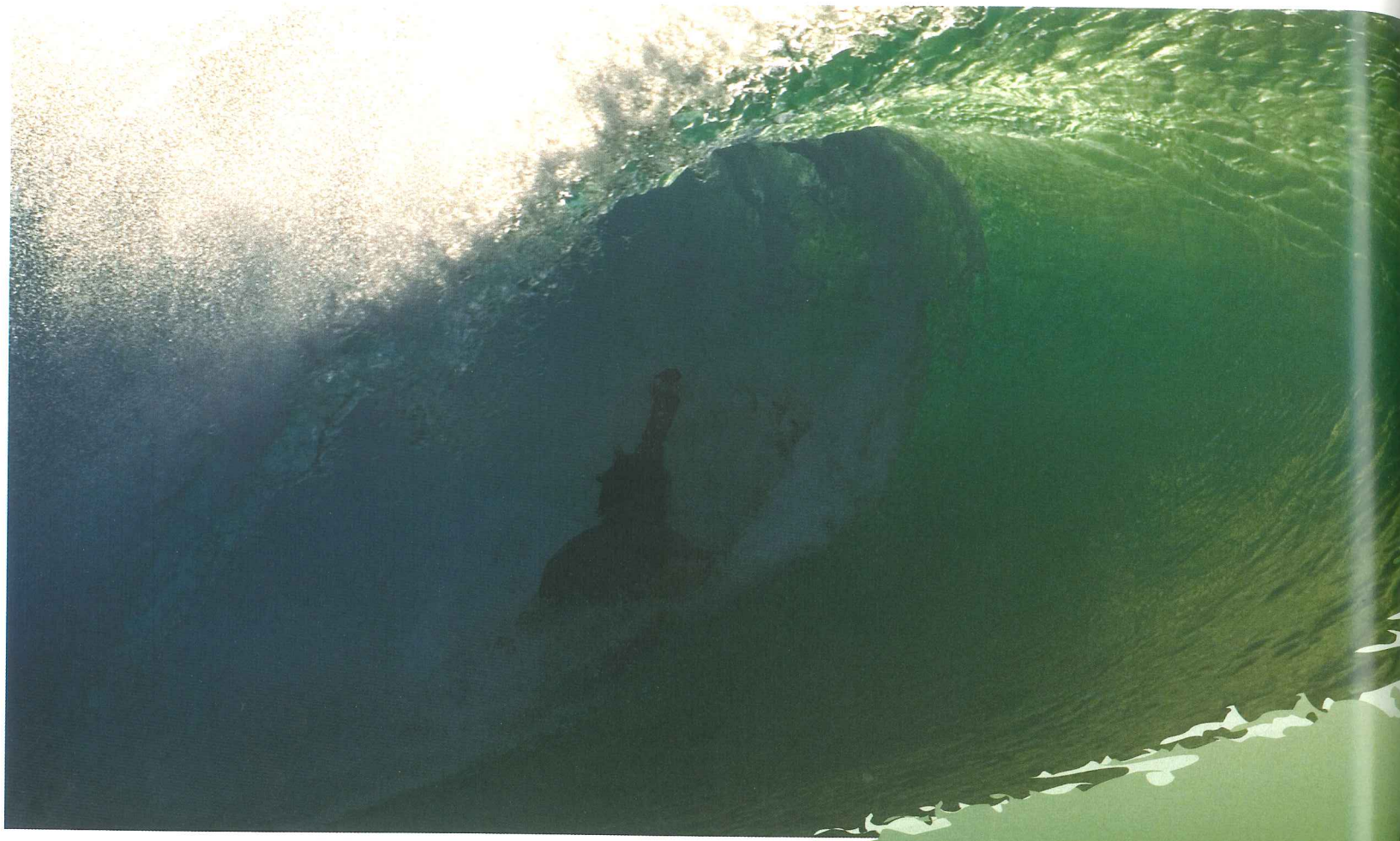


Surfer: Rodrigo Resende

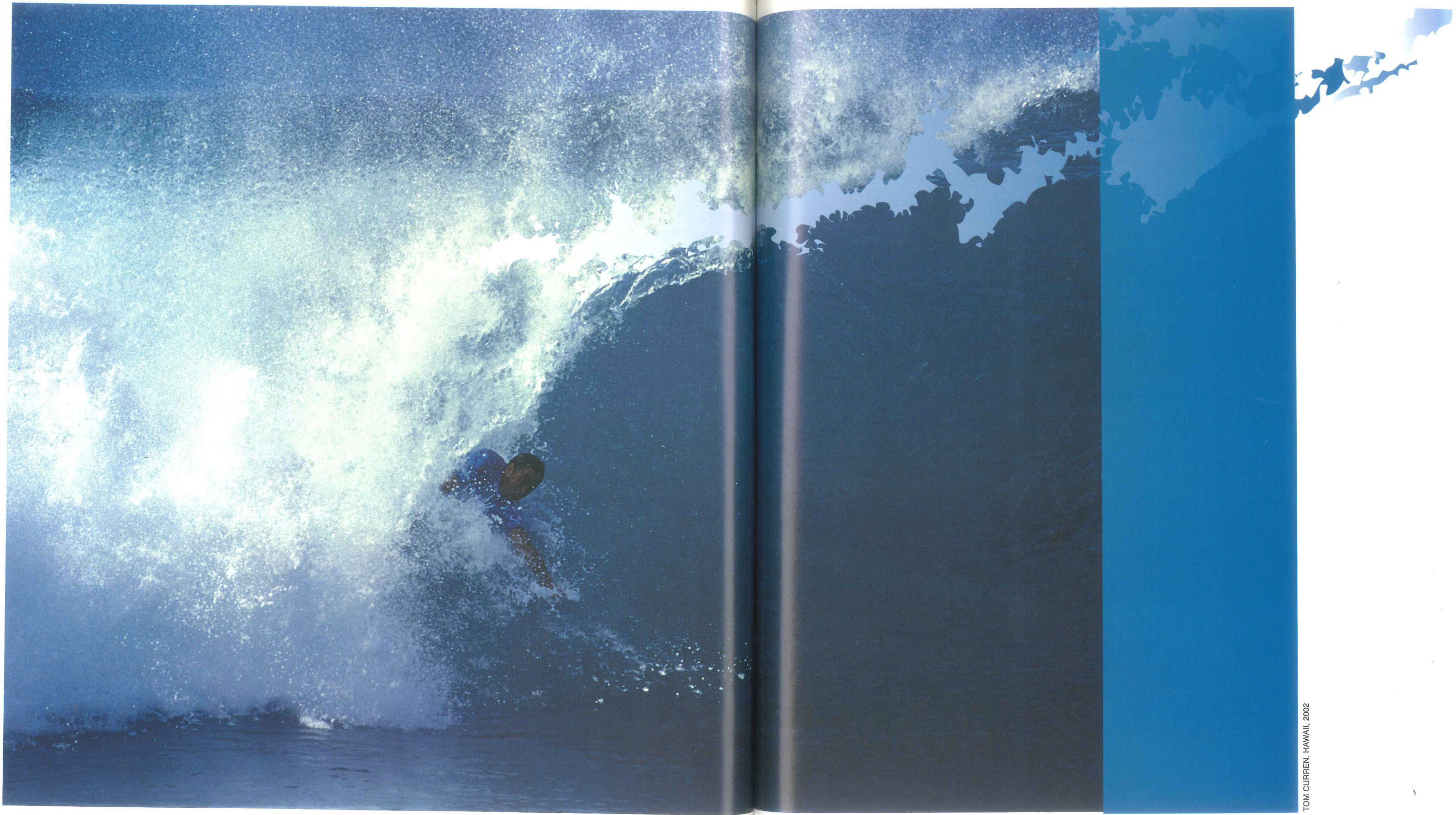
alphaline
S.A.S.S.
Central de Atendimento
Fone: (18) 2101-4200
Fax: (18) 2101-4223



X-TREME RADICAL
SPORT VISION



1-DEPOIS DE TER PARTICIPADO DO TRADICIONAL PIPELINE BODYSURF CLASSIC EM 2002, O AMERICANO TOM CURREN MOSTRA QUE CURTIU A BRINCADEIRA E É PEGO TREINANDO EM OFF THE WALL, NO HAWAII, EM NOVEMBRO DE 2004
2-NO TAITI, A TRANSPARÊNCIA DA ÁGUA PERMITE-NOS ENTENDER QUAL É A GRAÇA DESSA HISTÓRIA DE PEGAR JACARÉ EM MAR GRANDE
3-ROB MACHADO SURPREENDE AO DESBRAVAR PIPELINE SEM A SUA PRANCHA, DURANTE O MUNDIAL DE 2002

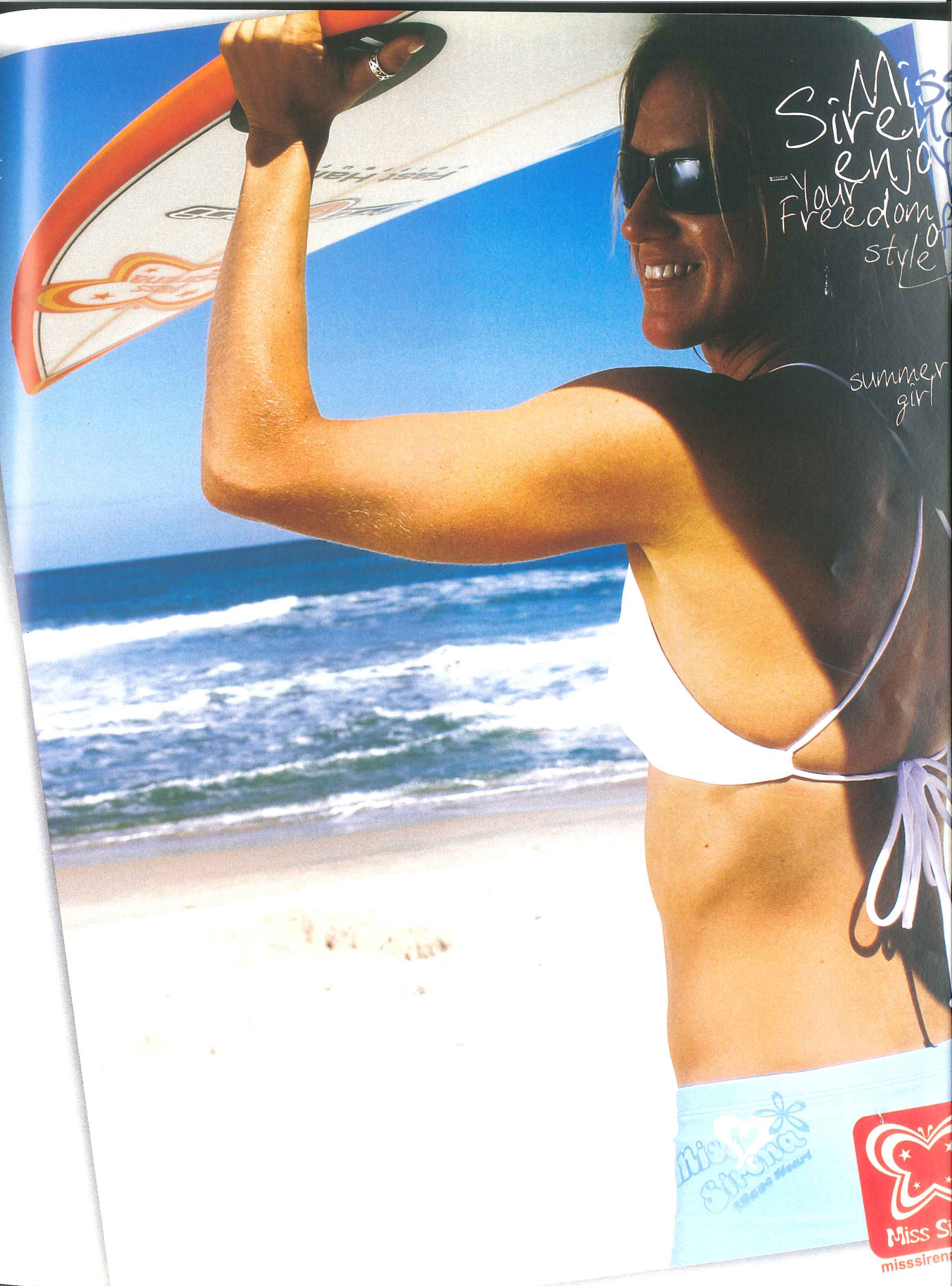


TOM CURREN. HAWAII, 2002



ROGÉRIO SCHEFLER, CONHECIDO COMO CAJU, É O ÚNICO BODYSURFER BRASILEIRO A TER CORRIDO 6 ETAPAS DO PIPELINE BODYSURF CLASSIC, ONDE CONQUISTOU A 3ª COLOCAÇÃO EM 2000, O MELHOR RESULTADO DE UM BRASILEIRO NO MUNDIAL FOTO ARQUIVO PESSOAL

(11) 6121-7763



Miss Sirena
enjoy
your Freedom
style

summer
girl

Miss Sirena
100% Brasil

Miss Sirena
missirena

MALDIVAS Honey Moon no mar da Arábia

Texto e fotos Bruno Alves

DE UM LADO DA ILHA DE PASTA, ONDAS E MAR AGITADO, DO OUTRO, UM VISUAL PARADISIACO



Quando me perguntarem qual é a melhor opção para se fazer uma viagem de surf ao exterior que englobe qualidade de ondas, conforto e ambiente para a esposa ou namorada (que não surfam), a resposta será imediata: Maldivas. Poucos lugares no planeta conseguem conciliar atividades prazerosas para um casal, sendo ele surfista e ela não.

Nas Maldivas, paraíso do mergulho submarino, o clima é um chalé de frente para a praia, remar 50 metros em direção ao pico, que tá quebrando ondas clássicas, comer muito bem, e ainda se largar numa praia paradisíaca de águas transparentes. Depois do surf, reunir os amigos numa happy hour, dançar, e dormir bem, ouvindo o barulho do mar.

Foi nesse espírito aloha que cinco amigos e suas respectivas mulheres decidiram fazer uma segunda lua-de-mel, e eu fui o convidado solteiro da viagem. Não tinha como ir com a minha mulher na data planejada, e ficaria de fora, se não tivesse uma ótima idéia: seria o fotógrafo da trip. Tendo pago por eles metade do custo da viagem, eu faria fotos numa metade do tempo e surfaria na outra metade.



“O surf nas Maldivas se concentra nas faces sul e sudeste dos atóis. Em Kaffu, estão as ondas famosas como Lohis e Jails”

Os tripulantes? O dr. Marcelo, do Instituto Mar Azul, e a sua esposa Lúcia; meus padrinhos, o Saulo e a Márcia; o Maurício, da South to South, e sua esposa Ana Lúcia; Fernando Lazzari, e sua namorada, a Cláudia; e Francisco Teixeira, o Chicão, com sua esposa, Lúcia, que se juntariam a nós no meio da viagem.

Numa noite estrelada, após um longo voo vindo de Johannesburg, chegamos às Maldivas, onde, em vez de táxis, barcos nos esperavam na porta. Em alto mar, o nosso confortável Moodhumaa, de 70 pés, nos receberia com oito suítes, uma enorme sala com DVD e som, uma big varanda e um baita deck. Depois de um lanche, sentindo a brisa quente do oceano, fomos dormir felizes da vida.

Afinal, onde estávamos?

A República das Maldivas é um país independente desde 1965. O arquipélago, antes chamado de República das Ilhas de Corais, era quase desconhecido e considerado um dos 25 países mais pobres do mundo no início dos anos 70. Graças a um grupo de mergulhadores italianos, que descobriram o paraíso do mergulho, as Maldivas começaram a ser conhecidas turisticamente. São 26 atóis de coral, que se espalham por 885 quilômetros de extensão, numa área de 298 km², que abriga 2.000 ilhas paradisíacas, sendo apenas 215 habitadas, algumas dentro da circunferência dos atóis e outras nas bordas, em contato com o mar aberto. O país está situado na linha equador, no

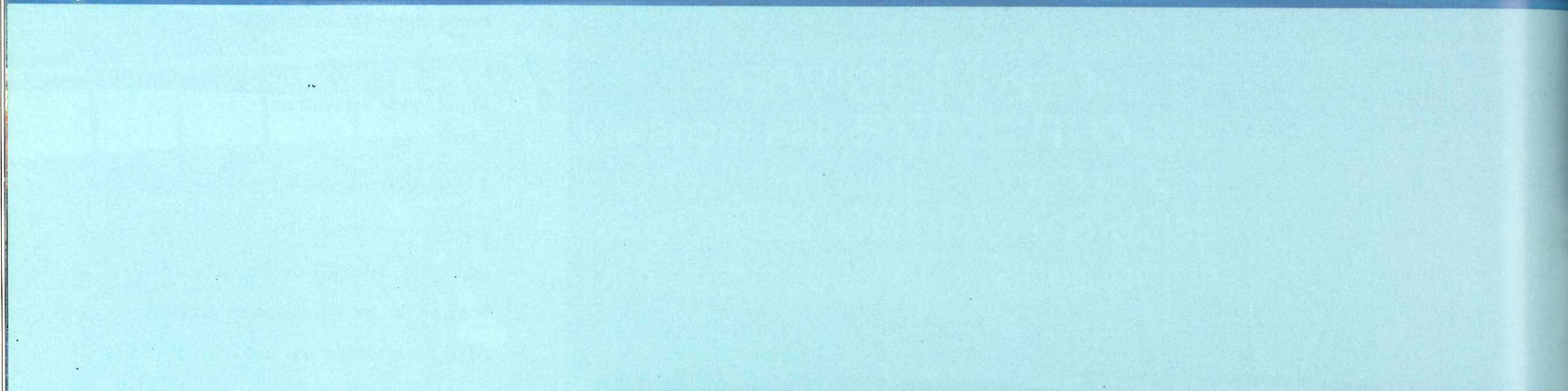
LINE-UP DE JAILS. QUE QUEBRA DE FRENTE PARA UM PRESIDIO ONDE DIZEM HAVER SURFISTAS PRESOS...IMAGINEM SÓ FICAR PRESO DE FRENTE PRA ESSAS ONDAS!



1



ALEKO / DIEGO SANTOYO



2

1-CHICÃO, TRIATLETA E SURFISTA DA VELHA GUARDA PAULISTA, DESDE UMA ONDA DE RESPOSTA NO INSIDE DE LOHIS.
2-NO CAS DE PASTA, A BELEZA É TÃO CONTAGIANTE QUE NÃO É NECESSÁRIO MEDITAR. AQUI, LUCIA PRÁTICA YOGA PRA FICAR DOUBLE ZEN.





oceano Índico, a sudoeste da costa da Índia, e como todas as ilhas equatoriais sofre a oscilação climática ditada pelo clima de monções, sendo numa época assolado por chuvas (de novembro a abril) e na outra, batido pelo sol e pelas ondas (de maio a outubro).

O principal atol chama-se Kaafu, ou North Male Atol, onde se concentra a maioria da população (total de 215.000 no país), e a capital Malé, localizada numa ilha de 2,4 quilômetros de extensão, com uma grande frota de automóveis caros e táxis. A população é hegemonicamente islâmica e a principal receita do país é o turismo, que é explorado pelas principais cadeias hoteleiras internacionais. A pesca e o plantio de coco são as outras atividades importantes do país.

O surf não é muito antigo nas Maldivas, e se concentra nas faces sul e sudeste dos atóis. No atol Kaffu concentram-se as ondas mais famosas das Maldivas, a uma hora de barco do aeroporto, num conjunto de ilhas e points inacreditáveis. Também existem boas ondas ao sul, nos atóis South Male, Meemu (Mulaku), Laamu e Gaafu – Alifu.

3-ANA LÚCIA DESCANSA NO PARAÍSO ENQUANTO O MARIDO MAURÍCIO APROVEITA AS ONDAS DO ATOL
4-CRISTIANO GASTARDELLI, OUTRO BRASILEIRO EM LUA-DE-MEL, É FLAGRADO VOANDO RÁPIDO EM LOHIS



RETURN RETURN RETURN EVOLUTION CONQUEST

Shaper **Chocro Waves**
The Collection

O FENÔMENO NOS ANOS 70...

...RETOR

SURFBOARDS

VIKING SURFBOARDS

USA BRAZ

vikingsurfboards.com

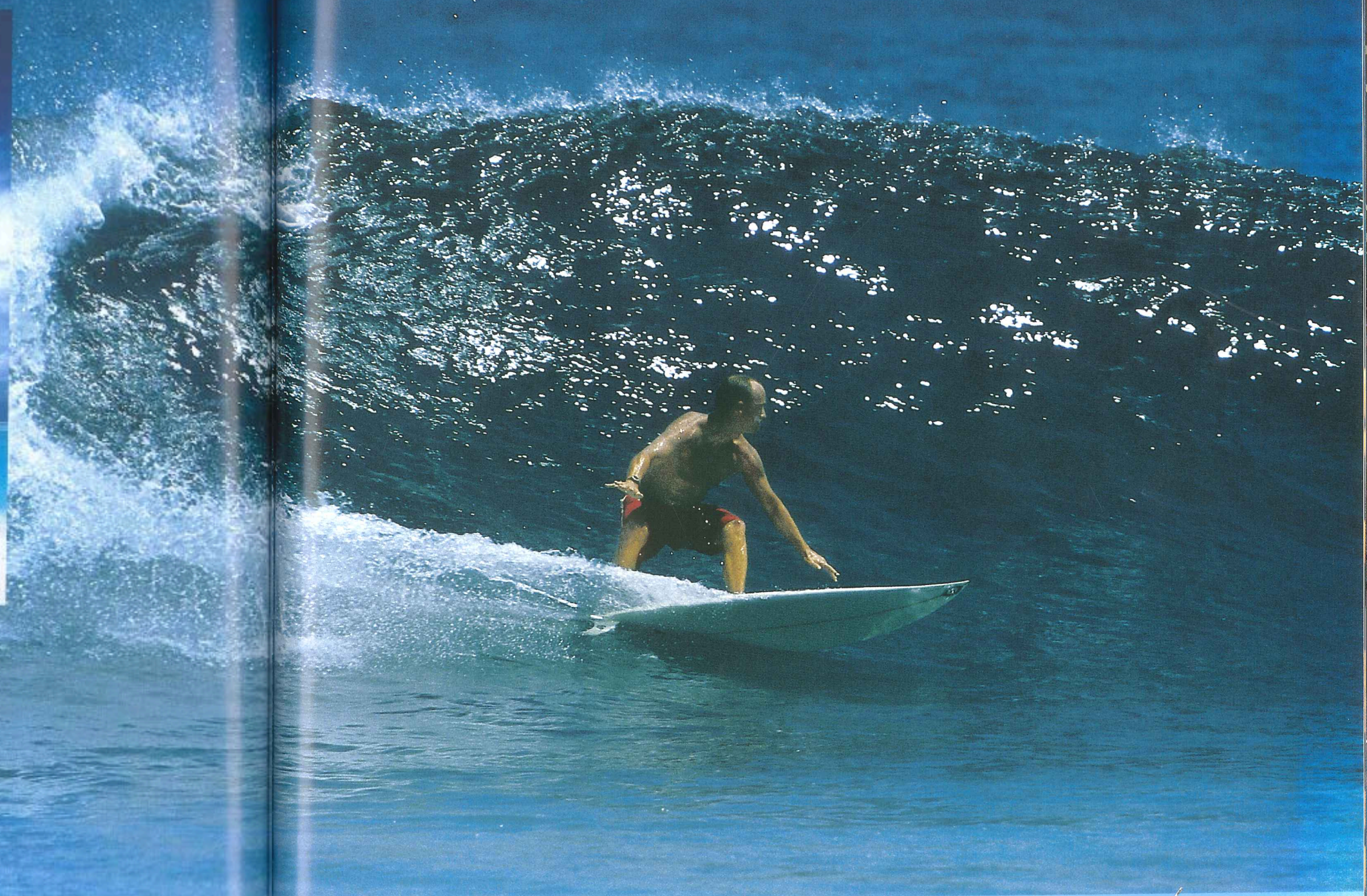
vikingsurf

“As Maldivas são um dos poucos lugares que conseguem conciliar atividades prazerosas para um casal em que só um dos dois é surfista”



1-DEPOIS DO SURF, SE LARGAR NUMA PRAIA DE ÁGUAS TRANSPARENTES, COMO ESTA NA ILHA DE PASTA
2-MAURÍCIO FAGUNDES, PROPRIETÁRIO DA MARCA BRASILEIRA SOUTH TO SOUTH, DESLIZA SOBRE AS ESQUERDAS DE LOHIS

1
2





1- DR. MARCELO CLINICANDO NO MAR AZUL DE LOHIS. ELE PEGOU AS MELHORES ONDAS DA BARCA
2- A ONDA É PRATEADA, MAS MERECE A MEDALHA DE OURO, FINAL DE TARDE EM LOHIS

Nós estávamos no atol North Male, onde, num raio de pouco mais de 5 quilômetros, você pode surfar muitas direitas e esquerdas de qualidade. A primeira onda quebra na borda da ilha mais ao sul, Jails, onde tem uma prisão em atividade. Jailbreaks é uma direita longa e bem hot dog, com sessões de tubos e manobras. Na mesma ilha, quebra a maior das ondas locais: Sultans, uma direita grande e massuda que lança a primeira sessão tipo Sunset e depois empareda no inside um pouco menor. Perto dali, o exército faz treinamento constante de guerra e enquanto estamos surfando podemos ouvir os estouros não muito longe das ondas.

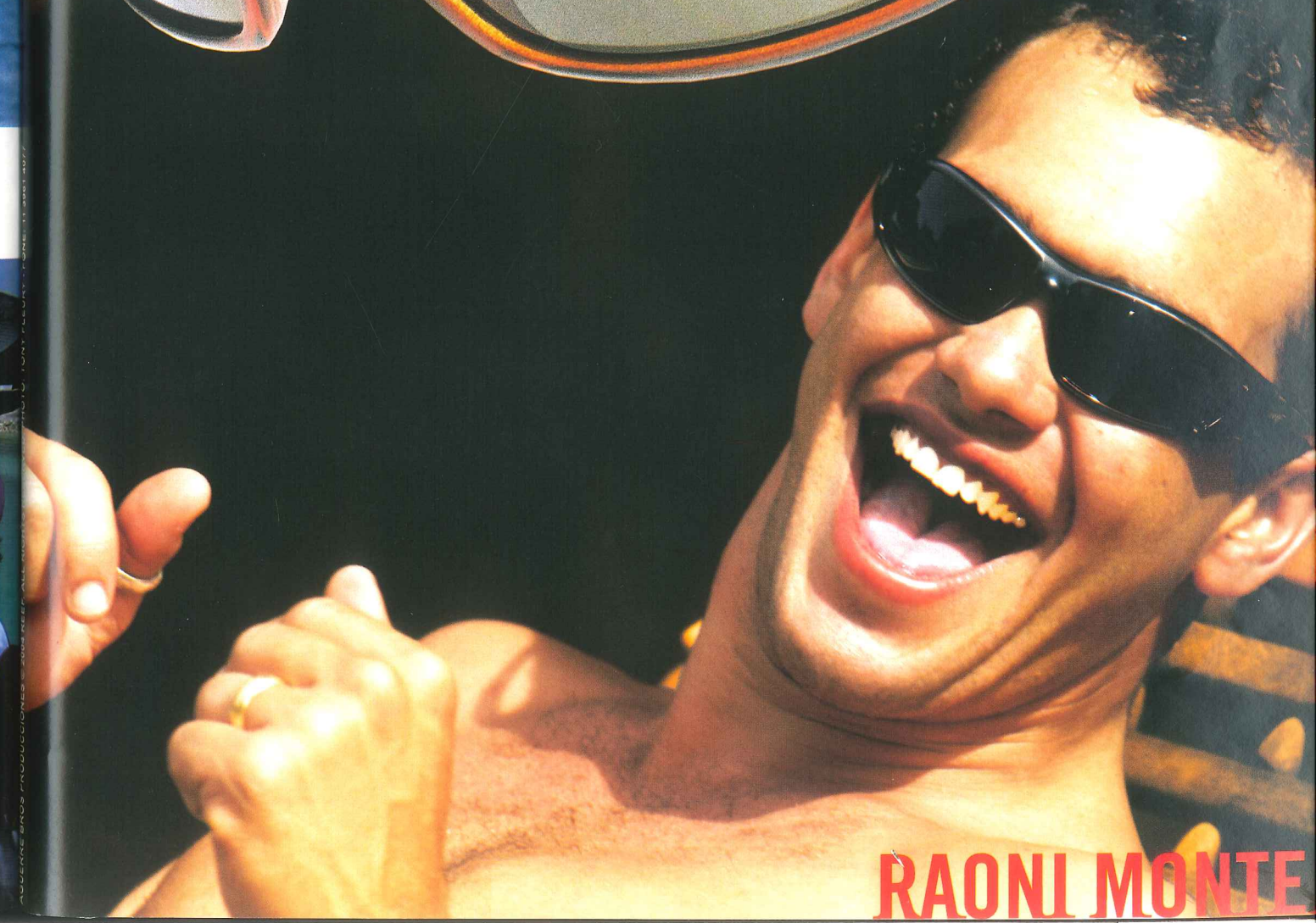
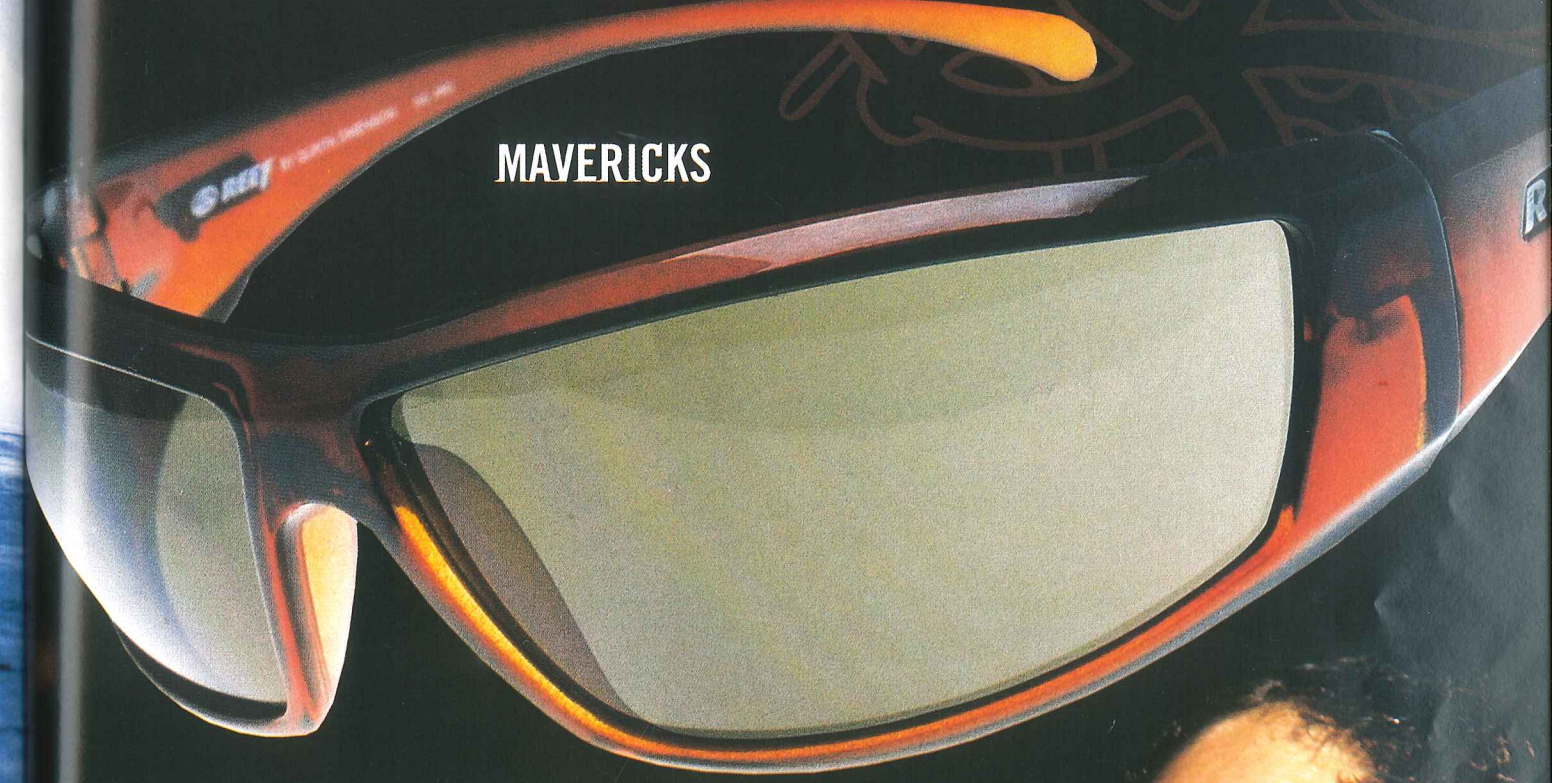
Na borda da ilha do hotel Mediterranée, quebra a direita do Med, longa e manobrável, e, passando o canal, chegamos à esquerda do hotel Lohifushi, que só pode ser surfada por hóspedes. Um pico de bancada de coral,



12

“Lohifushi é um pico de bancada de coral, onde reina plasticidade e perfeição”

REEF VISION



RAONI MONTE



1-AUSTRALIANO, AMERICANO OU BRASILEIRO... NÃO IMPORTA, FOI ELE QUEM ACHOU UM TUBO LIMPINHO NO INSIDE DE SULTANS NUM DIA EM QUE O OUTSIDE ESTAVA BEM CROWDEADO
2-ENQUANTO OS HOMENS ESTAVAM EM BUSCA DE ONDAS, A MULHERADA TINHA A PRAIA DE PASTA COMO DESTINO CERTO

onde reina plasticidade e perfeição. Um pouco mais crowdeada do que os outros picos, essa onda pode ser contemplada pelas mulheres de um deck bar. Aliás, a bordo, a semana foi de sonho: enquanto as mulheres desembarcavam todos os dias nas praias de águas calmas, nós, de bote, íamos em direção ao surf de sonho. Um dia não pudemos surfar porque o treinamento dos milicos estava brabo, e durante todo o tempo uma patrulha controlava a região.

Depois de um dia intenso de surf, sentávamos no deck do barco e ficávamos lembrando as ondas. Além do conforto e do cenário, o alto astral dos homens extasiados após horas de surf era equilibrado pela presença fundamental das mulheres, que acalmavam o ambiente.





1-DÀ ESQUERDA PARA À DIREITA, EXTASIADOS, ANDRÉ, MAURÍCIO, FERNANDO, SAULÃO, DR. MARCELO E CHICO COMENTAM AS ONDAS QUE ENCONTRARAM DURANTE UM DIA INTENSO DE SURF
2-SULTANS, A MAIOR ONDA DO ATOL NORTH MALE

1

2

Viajamos pela Nivana Turismo

A **South African Airways** tem vôos diários de **São Paulo a Johannesburg**, com duração de 9 horas. De **Johannesburg para Seychelles** e depois **Maldivas** são mais 7 horas de viagem. O pacote de 10 noites, pela **Nivana Turismo**, sai a partir de 2.500 dólares. Inclui estadia no **Lohifushi Island Resort** com meia pensão e traslado (speed boat) **aeroporto de Male - hotel - aeroporto**, além de impostos. Os barcos que saem do **Lohifushi** para surfar custam em torno de 10 dólares a saída.

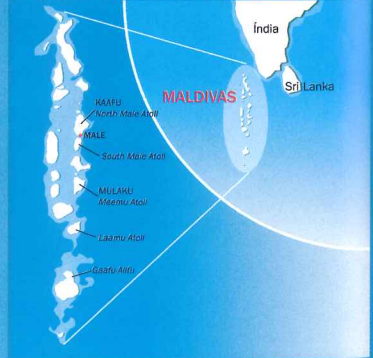
Informações: 11 3256-1590 ou www.maldivas.com.br e www.nivana.com.br

Depois de uma semana a bordo, nos despedimos do Moodhumaa e descemos na ilha de Lohifushi, onde teríamos uma semana com uma rotina, eu diria, chata.

Às 6h30 da manhã estávamos na água, mar lisinho, sem crowd, tubos e mais tubos de água transparente. Após a sessão, longo breakfast, descanso na praia, mergulho, e mais uma sessão com sol a pino, quando o deck ficava lotado de espectadores. Geralmente, à tardezinha, aparecia o crowd, como se todos os surfistas da ilha aparecessem de uma vez, uma multidão eclética, de diversas partes do mundo. Alguns de nós iam surfar e conhecer outros points da ilha.

No final do dia, nos encontrávamos num bar de frente para o cais da ilha, onde cações de galha preta e raias se aproximavam para alimentação. Depois do jantar, eu, como estava solteiro, ia dormir, porque às 6h00 da manhã o nosso triatleta Chicão nos chamava pelo telefone para mais um dia chato nas Maldivas, que começava com expressos de ondas quentes e reluzentes com o sol atrás da crista.

Maldivas?



Belo Horizonte: Shopping Daimond Mall
Rio de Janeiro: Shopping Rio Sul
Goiania: Shopping Flamboyant

São Paulo: Al. Lorena, 1682 - Jardins
Shopping Ibirapuera | Shopping Villa Lobos
Shopping Higienópolis | Shopping Morumbi

V.ROM

www.vrom.com.br

A

Alma Surf Shops

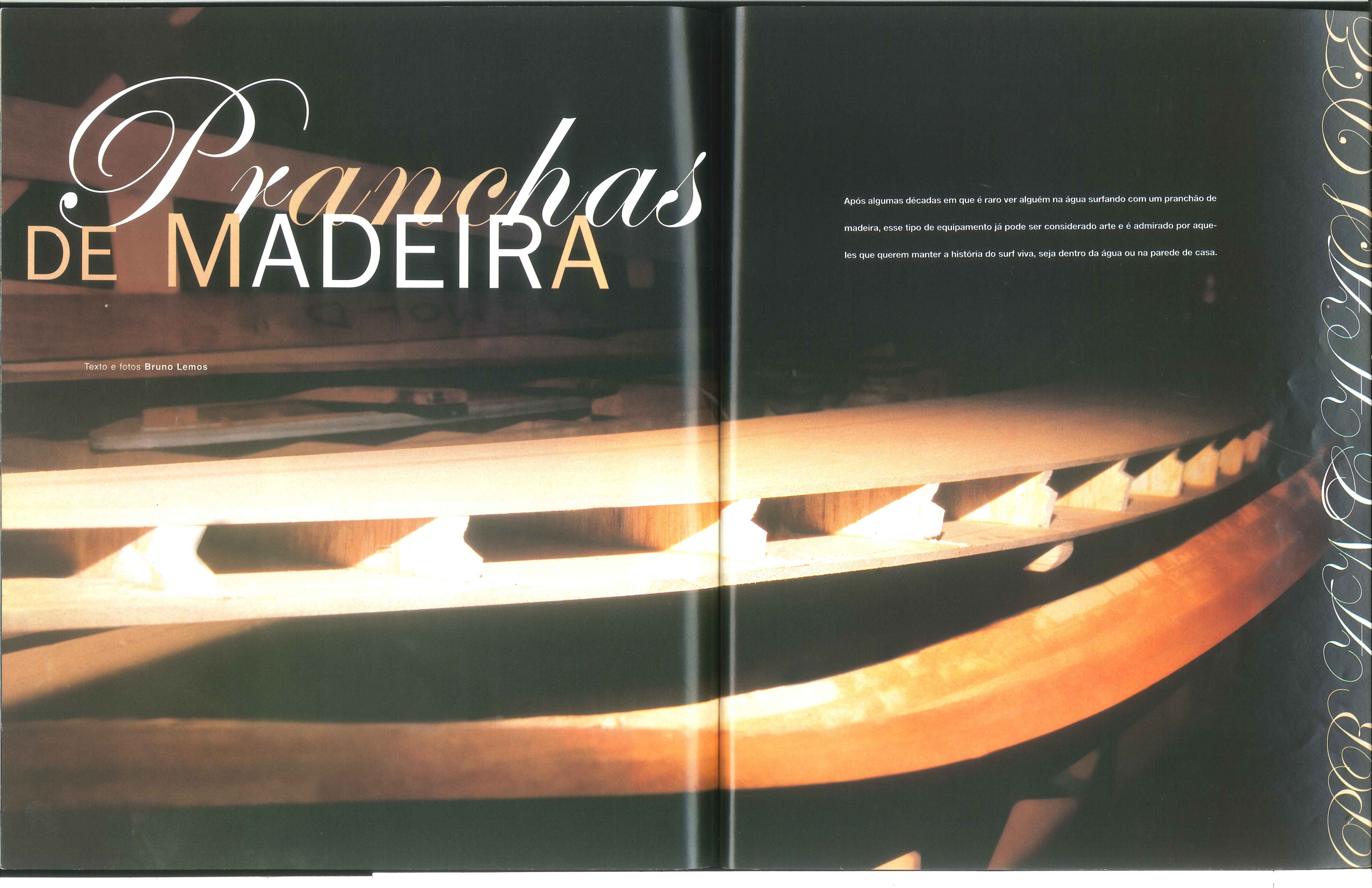
ESTAS LOJAS TÊM ALMA



A PARTIR DE AGORA VOCÊ ENCONTRA A REVISTA ALMASURF NAS MELHORES SURFSHOPS DO



BRASIL, CONSULTE O ENDEREÇO MAIS PRÓXIMO DE VOCÊ NO SITE WWW.ALMASURF.COM



Pranchas DE MADEIRA

Texto e fotos Bruno Lemos

Após algumas décadas em que é raro ver alguém na água surfando com um pranchão de madeira, esse tipo de equipamento já pode ser considerado arte e é admirado por aqueles que querem manter a história do surf viva, seja dentro da água ou na parede de casa.

PRANCHAS DE MADEIRA

A idéia pode parecer pré-histórica ou antiga, mas a realidade é que em pleno século XXI esse processo quase que artesanal de fazer pranchas, muito utilizado antes da descoberta do poliuretano, ainda tem sido realizado por alguns shapers renomados, espalhados pelo mundo.

Porém, encontramos uma oficina de pranchas de madeira que utiliza um sistema não muito parecido com a técnica que outros fabricantes de pranchas de madeira usam. A Haleiwa Surfboard Company, antiga North Shore Woody's, um entre os muitos fabricantes de pranchas do Hawaii, confecciona pranchas de madeira há pelo menos 10 anos.

Lembrando como os cascos dos barcos são feitos, o sistema, desenvolvido pelo californiano Lon Klein, consiste em colar duas placas de madeira uma na outra, mantendo alguns frames de balsa entre elas, formando o que consideram ser o bloco da prancha. Essa técnica de design e construção, originária da navegação, também é conhecida por ser utilizada na construção de asas de aviões e instrumentos musicais de corda.

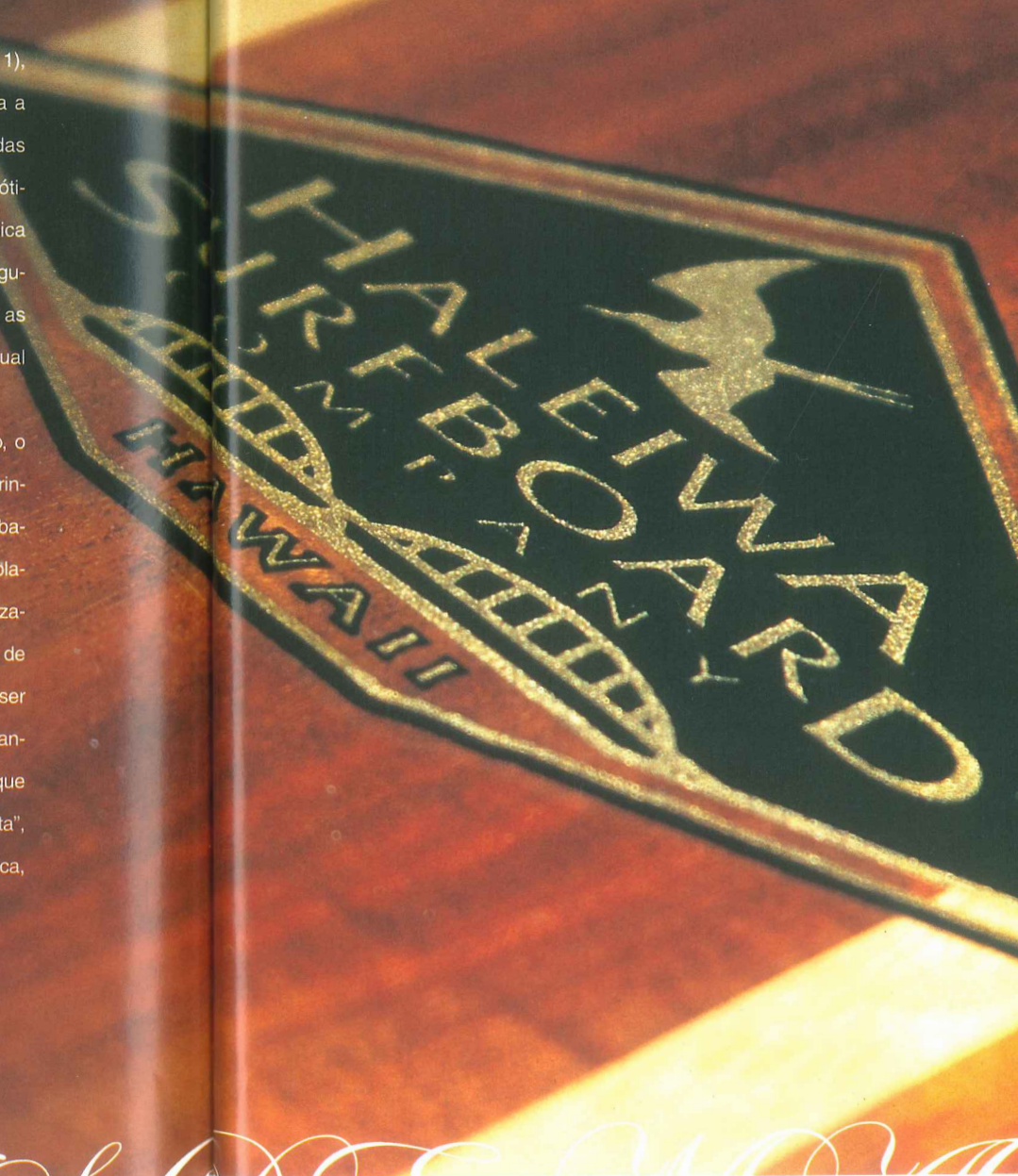
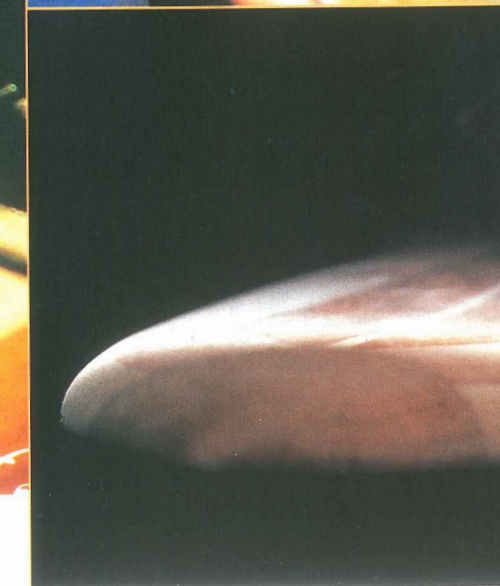
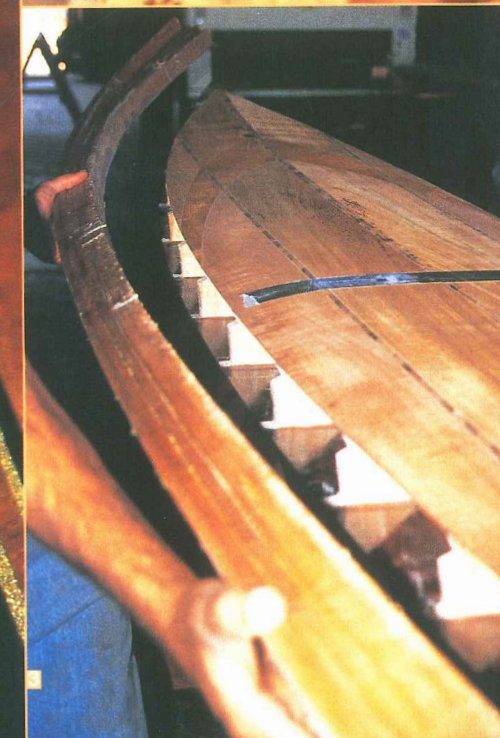
Lon, de 61 anos, afirma que a sua principal inspiração está em Tom Blake. "Sempre admirei o trabalho de Blake, um dos pioneiros na fabricação de pranchas ocas de balsa", afirma ele, que é também o proprietário da marcenaria. No início dos anos 90, Lon juntou-se ao amigo Jay Richardson, que era shaper da Makaha Surfboards, na tentativa de desenvolver um sistema diferente de fazer pranchas de madeira. Depois de fabricar algumas pranchas usando dois tipos de sistema, por volta de 1994, chegaram à conclusão de que aquele utilizado hoje realmente era o mais funcional e prático. "Tenho que agradecer muito, não só ao Jay, da Makaha Surfboards, mas também, e principalmente, ao meu amigo John Wuoltee, um excelente carpinteiro, de muita experiência com fabricação de barcos e em outras áreas essenciais para a concepção e desenvolvimento desse sistema. Foi cerca de um ano e meio de trabalho, experiências e tentativas para finalmente chegar aonde chegamos, e acho que valeu muito a pena", diz Lon.

Sem colocar em dúvida a qualidade das técnicas aplicadas, mas visando ganhar ainda mais credibilidade no mercado, Lon Klein

procurou um shaper bem conhecido para assinar suas pranchas. "Resolvi fazer uma proposta ao (Dick) Brewer, que foi aceita na hora. Hoje pagamos uma porcentagem para ele de cada prancha que fabricamos, mas sem dúvida foi uma excelente estratégia de marketing, porque todas as pranchas são fabricadas em cima dos seus melhores outlines e designs de longboards, fun boards e waimea guns", fala Klein, que também fez questão de dizer que, se não pudesse ter o próprio Brewer finalizando suas pranchas, usaria o seu back shaper Jean Hellyeah. "Eu basicamente só shapeio as bordas, pois o meio da prancha já vem na espessura certa, assim como o fundo. Depois de prontas as bordas, uso apenas algumas lixas mais finas para dar o acabamento (foto 2), e a prancha está pronta para ser laminada", explica o shaper.

Com a primeira fase da fabricação do bloco terminada (foto 1), algo já mais parecido com uma prancha sai da "fôrma" pronto para a segunda fase, que é a colagem das bordas (foto 3). Às vezes as bordas também são constituídas de balsa, mas muitas outras madeiras exóticas podem compor as diversas partes da prancha. Koa (madeira típica havaiana), mangueira, andiroba, teca (uma madeira asiática), são algumas das madeiras fortes e pesadas, normalmente misturadas com as mais leves, de diferentes formas, dependendo da finalidade para a qual a prancha será usada.

Curiosamente, dentro da oficina encontramos um brasileiro, o carioca Ricardo da Motta Paes Jr., que mora no Hawaii e é o designer principal de estruturas como a rabeta e a longarina das pranchas. "Meu trabalho, além de pré-fabricar as placas de koa (madeira mais utilizada nas placas do corpo principal), é garantir a qualidade correta da madeira utilizada, que ela não tenha nenhum defeito ou problema, e que os frames de balsa estejam nos lugares certos", afirma o brasileiro, que, além de ser responsável pelos layouts de importantes peças que vão compor a prancha, é também incumbido da colagem e prensa das pranchas. "Tenho que adicionar a quantidade certa de epóxi para que a colagem saia perfeita", completa. Depois de unir as partes ao bloco bruto e a cola estando seca, a prancha está praticamente pronta para ser levada ao shape room.



Uma característica inegável das pranchas de madeira é a durabilidade; as pranchas são extremamente fortes. "Nunca vi uma delas quebrar no meio ou trincar", afirma o laminador Lary Peterson. "Uso apenas uma camada de tecido, quatro onças tanto em cima como embaixo" (foto 4), diz Lary, que lamina para quase todas as principais marcas de pranchas do North Shore. Ele também explica que essa fase é necessária apenas para a impermeabilização da madeira. "Depois de polidas, as pranchas ficam lindas, e brilhando como uma verdadeira obra-prima" (foto 5).

Depois de acompanhar todas as etapas de fabricação dessas "obras", é possível perceber que o segredo está mesmo no processo inicial, ou seja, na fabricação do bloco ou "molde". Além de ser a parte mais demorada do processo, é aí que está a principal diferença entre essas pranchas e as convencionais. Garret McNamara, um dos patrocinados pela fábrica, é um dos poucos sortudos a ganhar uma obra-prima dessas e poder nos contar a diferença: "Essas pranchas têm muito mais flutuação que as outras, pois são ocas e têm ar dentro. O bloco tem 20% de matéria e 80% de ar, enquanto na maioria das outras pranchas ocas essa relação é de 50%. Além disso, elas são muito mais velozes, pois tem menos flexibilidade e também são um pouco mais pesadas. Por isso elas voam", explica o big-rider, que utiliza uma balsa triquiilha.

Por falar em Garret, será que poderíamos utilizar uma prancha dessas para fazer tow-in? Garret não só afirma que sim, como diz ter certeza. "Eu já falei isso para o Lon, mas até agora eles não se animaram com a idéia; vou ter que dar um outro toque nele", brinca Garret. Além dele, David Yester e Michael Ho são os outros atletas patrocinados pela marca. Em um processo tão trabalhoso e que envolve cuidado com os detalhes, um dos fatores que mais encarece essas pranchas é a mão-de-obra. Lógico que o custo dos diferentes tipos de madeira também é alto. Mas, segundo o dono da fábrica, cerca de 60% do custo total é com a mão-de-obra. "Gastamos de 30 a 40 horas em cada prancha", esclarece Lon.

Assim, cada uma sai por US\$ 3.000 a US\$ 5.000, o que aqui no Brasil significa cerca de R\$ 15.000. Brewer, que considera essas pranchas pedras preciosas, concorda que elas são equipamentos caros, mas assina embaixo, ou melhor, no shape: "Elas são muito caras e bonitas, mas quando entram na água funcionam tão bem quanto as pranchas normais", afirma o mestre.

Talvez o alto custo também explique por que não vemos muitos surfistas utilizando essas pranchas no dia-a-dia. Segundo o dono da Haleiwa Surfboards Company, a grande maioria das encomendas é para pessoas de alta renda, que geralmente usam essas pranchas como objeto de decoração. Porém, além de bonitas, elas realmente funcionam. "Essas pranchas são mágicas. Quando você está surfando, elas até soam diferente, é uma sensação única", afirma o proprietário, Lon.

Fiquei totalmente na vontade de adquirir um desses foguetes para mim. Se um dia vier a ter uma prancha dessas, só posso dizer que vou fazer o possível para que ela não fique pendurada na parede da minha sala.

Para saber mais: <http://www.haleiwasurfboard.com>

Lissoni Design

CASSIO SANCHES

ANDRE BOAZ

RODRIGO

DAVI DO CARMO

TINGA

THIAGO PERERECA

ANDRE BOAZ

RODRIGO

THIAGO PERERECA

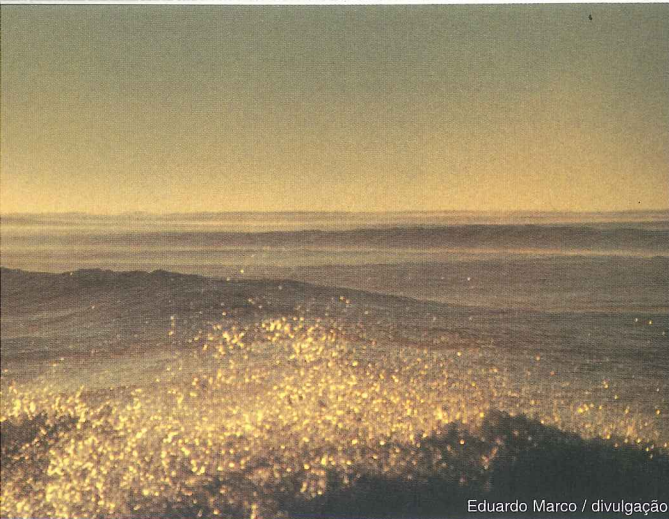
IGOR MORAES

DAVI DO CARMO

CASSIO SANCHES

OAHU-
H

SURF TEAM
04
revolution year
www.h1surf.com.br



Eduardo Marco / divulgação



Lisandro de Almeida / divulgação



Afonso Paiva / divulgação



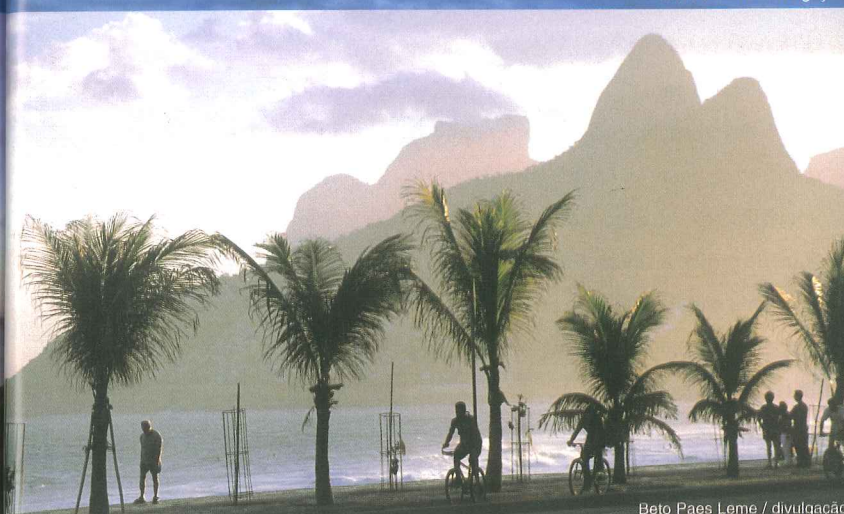
Beto Paes Leme / divulgação



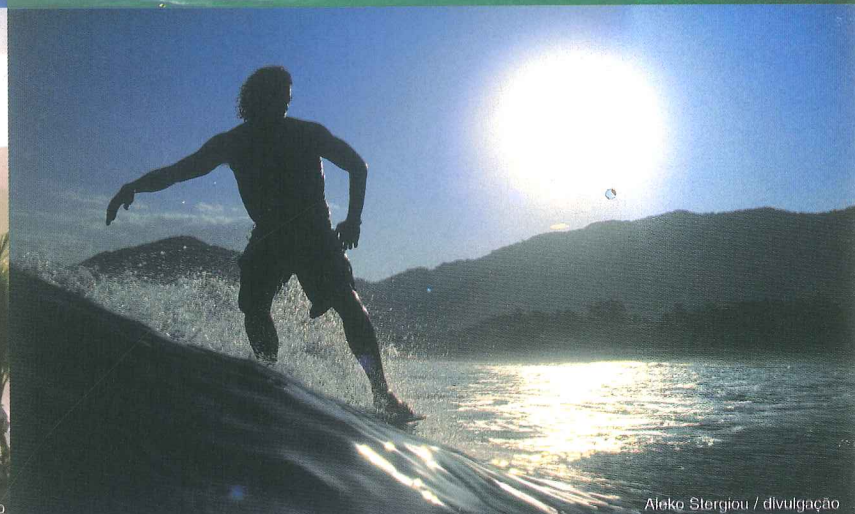
Clemente Coutinho / divulgação



Afonso Paiva / divulgação



Beto Paes Leme / divulgação



Aleko Stergiou / divulgação

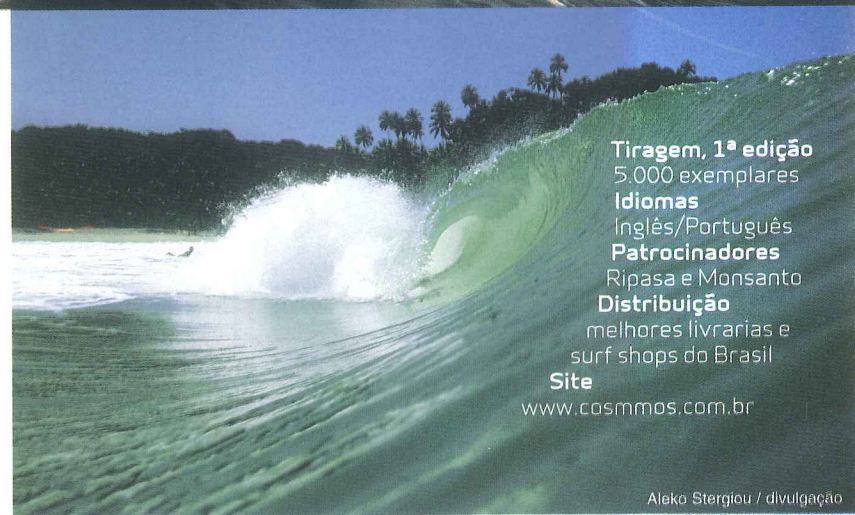


Rick Werneck / divulgação
Nilton Barbosa / divulgação



Alexandre Gennari / divulgação
Francisco Chagas / divulgação

Em uma abordagem diferente de tudo que já foi feito antes, este livro, além de quebrar o paradigma de que o Brasil não tem onda, mostra a exuberante e longa costa brasileira pelo olho do surf. Com ele, qualquer surfista da cidade grande se animaria a transformar a rotina em tempo livre para viajar, navegar ou voar pela Terra Brasilis. O surf que pertence ao Brasil e o Brasil que pertence ao surf. São 250 páginas contendo o trabalho de cerca de 50 fotógrafos nacionais. Para brasileiros e estrangeiros, **O Brasil do Surf** é um retrato nunca visto do nosso costão atlântico e seus rios surfáveis em assustadoras pororocas. Curta, viaje, sinta os seus pés na areia, o corpo no sol e... ponha a sua prancha na água.



Tiragem, 1ª edição
5.000 exemplares
Idiomas
Inglês/Português
Patrocinadores
Ripasa e Monsanto
Distribuição
melhores livrarias e
surf shops do Brasil
Site
www.cosmmos.com.br

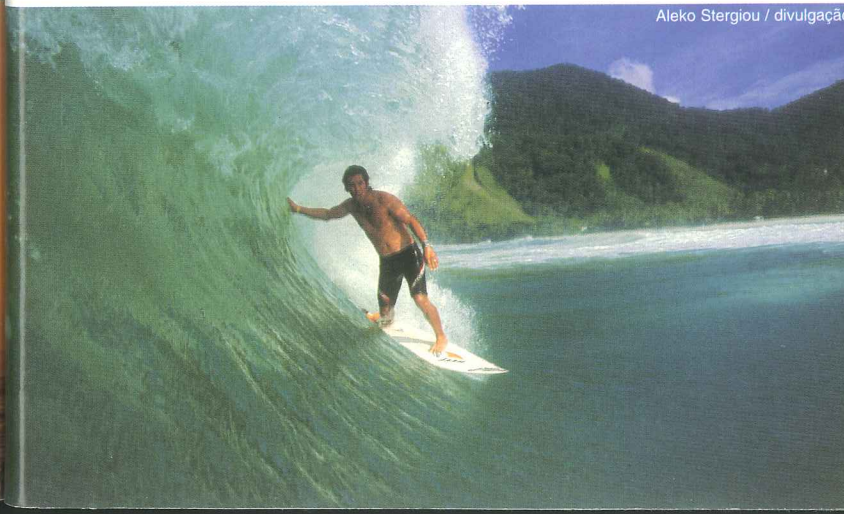
Aleko Stergiou / divulgação



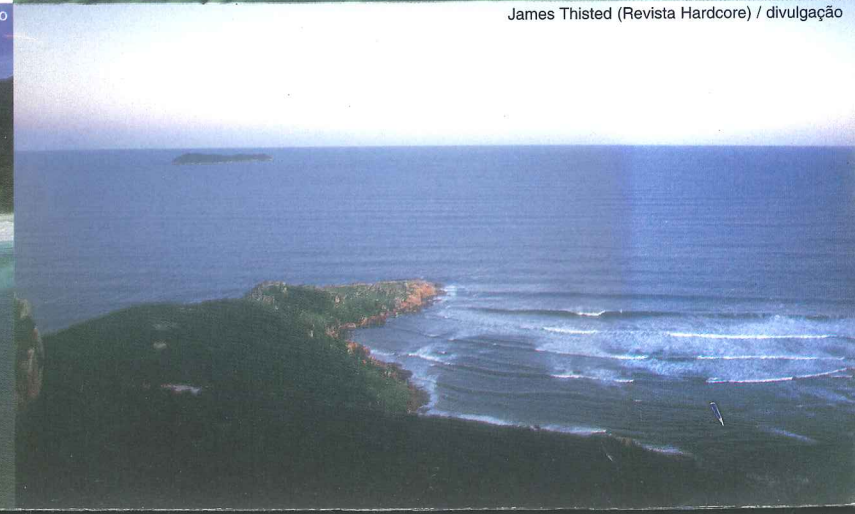
Nilton Barbosa / divulgação



Francisco Chagas / divulgação



Aleko Stergiou / divulgação



James Thisted (Revista Hardcore) / divulgação

SURFISTA SEM ALMA

Por Alberto Woodward

Em 25 de Abril, de 2003, a comunidade do surf foi surpreendida ao ver dois de seus expoentes envolvidos em um caso policial dos mais dramáticos. A vítima fora Cláudio Hayar, irmão do deputado estadual Alberto "Turco Loco" Hayar, que teria sua morte encomendada e planejada pelo surfista de Ubatuba-SP, Issam Atef Sammour.

O Suposto Motivo:

Issam e seus parentes alugavam um imóvel em São Paulo para Cláudio, mas houve desentendimento entre as partes e Issam e cia. obtiveram na justiça um mandato de despejo. Após a desocupação do imóvel os proprietários iniciaram uma obra ilegal na propriedade e, sabendo disso, Cláudio denuncia a irregularidade à Administração Regional da Sé, o que resultou no embargo da obra. Isso seria o suficiente para que Issam, por intermédio de Elton da Silva Vieira encomendasse com Alexandre Portes (vulgo "Maconha") e Fábio Conigiero a morte de seu desafeto.

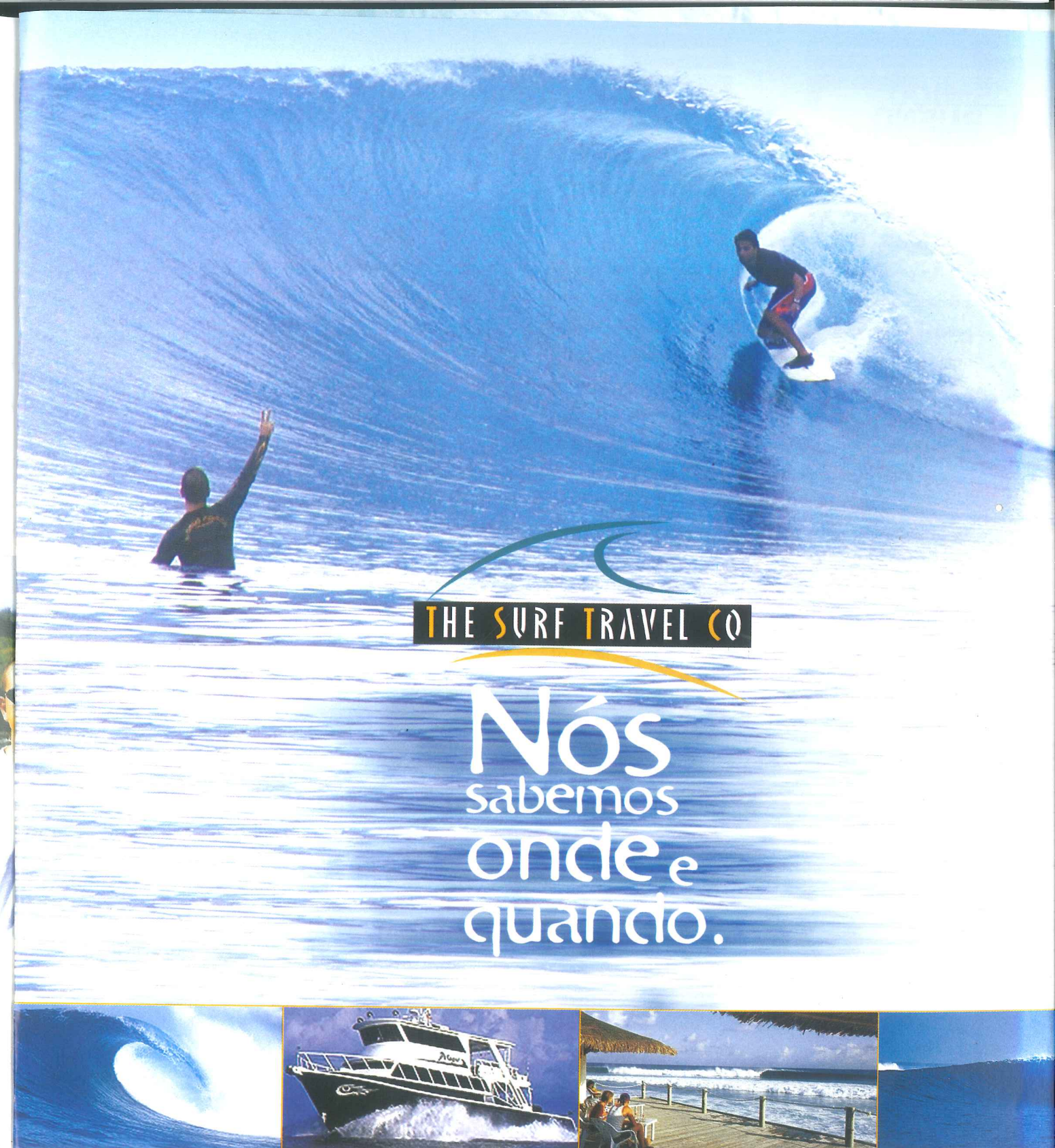
A Execução:

Fazendo-se passar por um funcionário do irmão de Cláudio, o deputado "Turco Loco", conhecido por sua atuação em prol da galera do surf, rock e outras ações voltadas para o público jovem, Alexandre vai até o escritório de Cláudio e quando a secretária anuncia que há um funcionário do seu irmão a procura-lo, este o recebe sem saber que estava abrindo as portas para a própria morte. Ao entrar na sala Alexandre saca a arma, manda à vítima se deitar ao chão para em seguida executá-lo friamente com disparos na cabeça e, na sequência, sair com tranquilidade do local. Na rua, Fábio que o havia levado até a cena do crime, o esperava para a fuga.

Para a polícia o crime seria um mistério insolúvel, pois não se fazia idéia de quem, como e porque. Até que, Alexandre, detido em uma investigação por tráfico de drogas acaba confessando a execução do crime e, posteriormente, é reconhecido pela secretária e mais um funcionário do falecido. Alexandre entrega Fábio, que confirma ter sido procurado por Elton, seu conhecido de bairro, para que, a mando de Issam, "desse um jeito" num empresário do Pari, irmão de um deputado. Segundo Fábio, Issam teria elaborado o plano e o encomendado a Elton, sendo este a ligação direta entre mandante e executor, ou seja, a chave para a prisão do verdadeiro culpado. Mas Elton também acabou sendo assassinado sob condições misteriosas, deixando a certeza de que o mandante do crime é uma pessoa maquiavélica capaz de eliminar qualquer um que intervenha em seu caminho. Se esse elemento é um surfista, certamente é um surfista sem alma.

Foto: www.claudiahayar.com.br

O SURFISTA ISSAM ATEF SAMMOUR ACUSADO COMO O MANDANTE DO HOMICÍDIO DE CLÁUDIO HANNA HAYAR



THE SURF TRAVEL CO

Nós
sabemos
onde e
quando.



Destinos: Costa Rica, Panamá, África do Sul, Europa, Fernando de Noronha, México, Indonésia, Maldivas, Mentawai, Hawaii, Equador, intercâmbio para Austrália e Nova Zelândia, pacotes de snowboard e ski.

THE SURF TRAVEL CO

"A agência de viagens especializada em surfe, levando você aos melhores picos desde 1991."

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP
cep.04088-001 - Tel/Fax - 55 11 5052-4181
surftravel@surftravel.com.br - www.surftravel.com.br

TACA

ASSIST-CARD

Delta
Air Lines

SURF CÔSMICO

Por TAIU BUENO

ACHO QUE ESTÁ NA HORA DE CELEBRARMOS...

O quê? A vida... O mar... A vibe do surf.

Atravessamos uma tremenda jornada nesta vida. Desde quando somos espermatozoides e caminhamos rumo ao óvulo, já estamos arriscados a nem chegar lá. Como um embrião, um feto, um recém-nascido, uma criança, um adolescente, um rapaz, um surfista, um pedestre, um motorista, um senhor... São tantas fases na vida e tantos riscos que passamos e sobrevivemos, que penso: por que não comemorarmos com os amigos e a família o dia de hoje e todo dia?

O motivo de tanta comemoração é o importante fato de ainda estarmos vivos, por mais um dia, sem nenhuma dor ou diagnóstico surpresa. Se você é um cara feliz, que gosta da vida, melhor ainda. Porque todos nós estamos arriscados. Um dia a nossa jornada vai terminar, portanto, o hoje e o agora são motivos de alegria.

Abra o champanhe, dê um trago, celebre essa vitória. A vida é muito valiosa e principalmente se torna muito prazerosa, se por acaso você nasceu para surfar ou se tornou surfista. Às vezes, eu mesmo me questiono se a empolgação e o otimismo não são uma grande ilusão. Talvez sejam, mas enquanto estiverem presentes na minha mente, terei certeza de que a vida é boa, e estarei feliz.

O surf é fantástico. Uma prática saudável, bizarra, desafiadora, artística e de baixo custo. Este imenso mundo, quando disponibilizado para surfar, se torna um enorme parque de diversões, onde os tubos são como a Disneylândia. Há também as pessoas envolvidas no surf, que são seres humanos especiais, donos das melhores e mais divertidas energias deste planeta.

Foram diversas as situações e experiências dentro e fora d'água que me ajudaram a chegar nessa concepção espiritual para entender a totalidade da realidade. Eu acredito que nós somos uma energia pequena e Deus é a energia total. Se antes de existir a vida tudo já existia, então, a energia total, crua e bruta, em forma de explosões, meteoros e transformações, já estava acontecendo. Nosso planeta, com mar e altas ondas, fez nascer a vida, os microorganismos, insetos, vegetais, animais... e os seres humanos para habitar e interagir. Tudo é energia, e nós somos aquela energia que é parte de Deus, com inteligência, consciência e alma.

No surf, a felicidade e a alegria contagiante chegam ao seu ápice quando a temporada havaiana começa a bombar naquele arquipélago com cheiro de corais, clima perfeito, água azul turquesa e lugares como Sunset, Pipeline e Waimea. Considerado a meca do esporte, o Hawaii é um lugar onde existe respeito. A natureza educa. O desafio e a potência das ondas despertam a percepção do perigo de estar vivo, pois ali a prática do surf é testada no seu maior limite.

Lá, surfistas são diferenciados um dos outros, e define-se boa parte da competição maluca que existe neste mundo: Quem é o melhor? Quem é o mais bem-sucedido? Quem é o mais forte? Quem é o bambambã? O Hawaii é a parte mais importante do cenário mundial do surf, junto com suas tradições. O lugar da provação. Quem consegue se destacar e ter boas performances ali, cala geral a boca da crítica e ganha o respeito geral da comunidade. Como dizia o fissurado e atirado surfista havaiano Mark Foo: "Stay tuned, stay deep"... 'Fique sintonizado, fique no fundo' (do tubo)...

Aloha

taiu@almasuk.com.br

SPY

www.spy.com.br

spyvend@spy.com.br

A DIFERENÇA ESTÁ NA C



LANÇAMENTO - 040 - Modelo Bogu

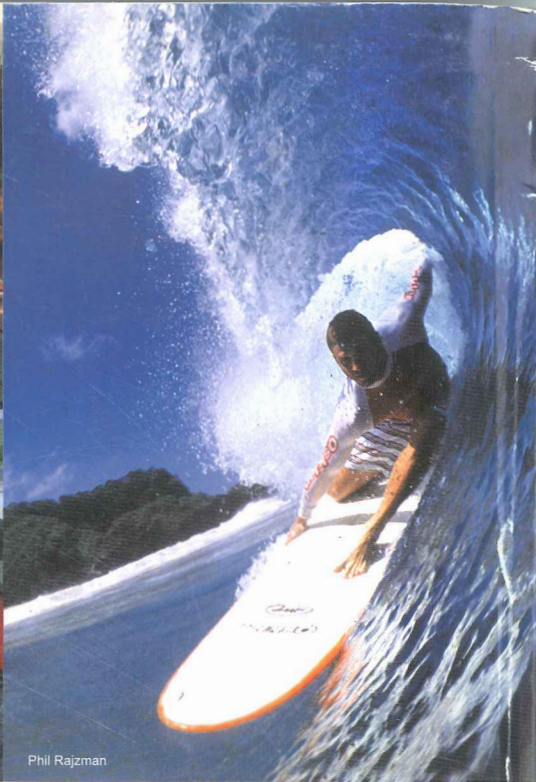
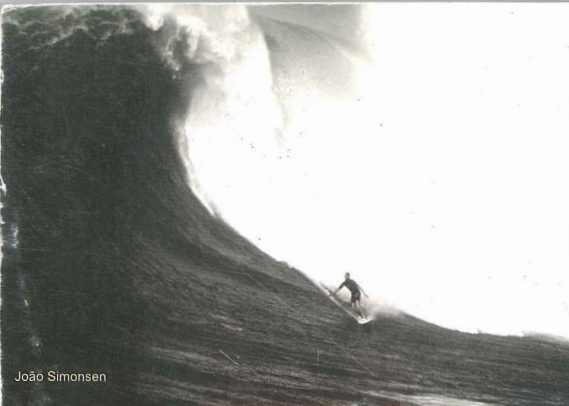


DESIGN
excellence
BRAZIL

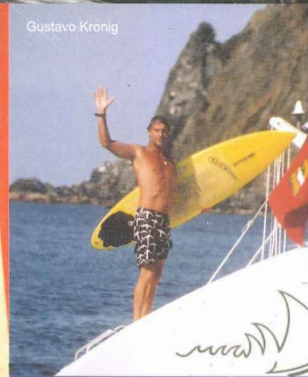
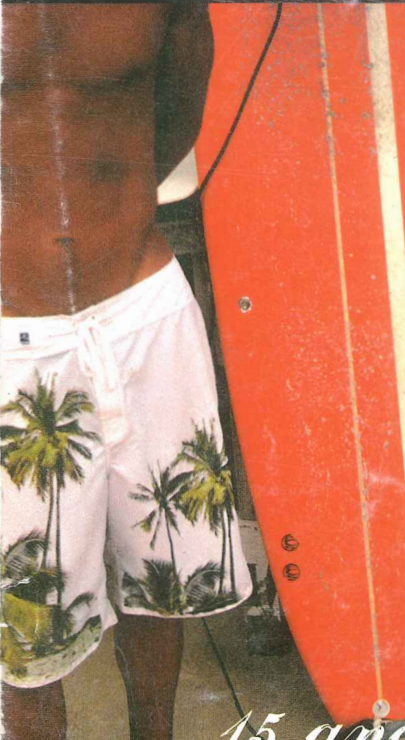


Atleta Felipe Freitas
Foto Eduardo Moody

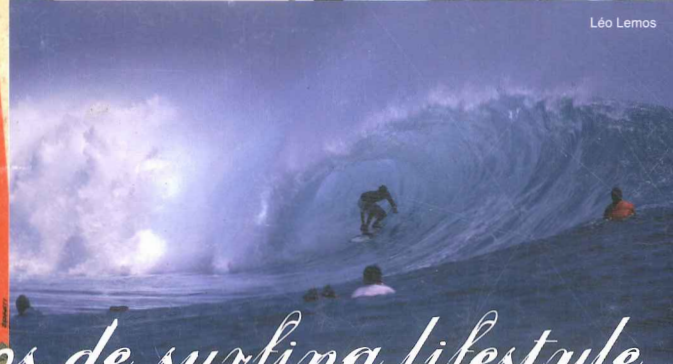
João Simonsen



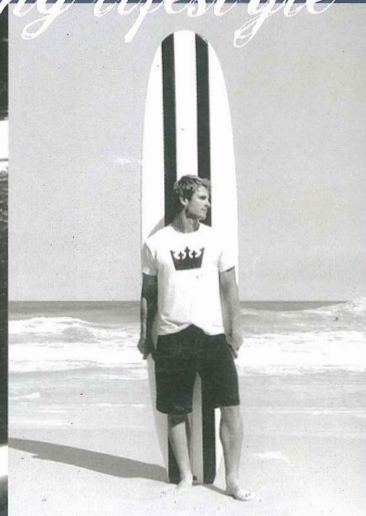
Phil Rajzman



Gustavo Kronig



Léo Lemos



Sérgio Chermont

15 anos de surfing lifestyle

